

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

SARA MOREIRA

CORPOS QUE TRANSBORDAM EM PALAVRAS E FOTO(GRAFIAS)

VITÓRIA
2018

SARA MOREIRA

CORPOS QUE TRANSBORDAM EM PALAVRAS E FOTO(GRAFIAS)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional. Linha de pesquisa: Clínica e Subjetividade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leila A. Domingues Machado.

VITÓRIA
2018

SARA MOREIRA

CORPOS QUE TRANSBORDAM EM PALAVRAS E FOTO(GRAFIAS)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional. Linha de pesquisa: Clínica e Subjetividade.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Leila A. Domingues Machado
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Figueiredo Louzada
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro interno

Prof^a. Dr^a. Almerinda da Silva Lopes
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro externo

Aprovada em: 29 de junho de 2018.

Às históricas, desajustadas, desobedientes,
errantes, transgressoras, inconformadas, infames,
desvairadas, loucas, incompreendidas.

Aos corpos que transbordam, descabem, desfazem.

GRATIDÕES

Agradeço à vida e às forças (im)permanentes que me permitem criar, reescrever e destruir, reinventando-me e expandindo-me em possibilidades mesmo quando tudo parece insólito. Agradeço à Angela ao Aldeci, meus pais e primeiros professores que sempre mergulharam em minhas escolhas até quando eu ainda não tinha certeza delas. Agradeço por serem pais transgressores que sempre deram um jeito de fazer as coisas acontecerem. Obrigada por apostarem no (des)conhecimento. Amo vocês! Agradeço ao Davi que me deseja coisas boas e me ajuda além de minhas expectativas. Amo-te e admiro imensamente. Sua ternura me encanta. Obrigadax Suelen, pela generosidade. Obrigada, Raque, pelo incentivo e força. Agradeço a quem disse que eu poderia entrar no Mestrado na UFES e foi trampolim na época da graduação. Em especial aos professores Gabriel e Vivian, bálsamo e fortaleza nas empreitadas desse caminho. Agradeço aos professores do Mestrado com quem multipliquei saberes e joguei algumas ideias fora. É muito importante desaprender... Agradeço aos alunos com quem tive a oportunidade de criar tanta coisa. SS0 2016/2 levo vocês no coração. Agradeço a minha querida orientadora Leila/ Leiloca/ Leila Lis que me ensina a fazer da vida uma obra de arte e nunca deixou de acreditar no potencial deste trabalho, sempre empenhada com um pesquisar sensível e afetuoso. Obrigada aos amigos por darem a mão quando eu não sabia atravessar, me ajudando a desbravar tantas experiências, sendo companheiros em todas elas. Nesse percurso, obrigada pelas inesquecíveis demonstrações de amizade personificadas em Livia, Aye, Vitor, Pedro e Matheus. Obrigada, amiga Antonella, por entrar em meu caminho e ser um pouco de tudo para mim! Aprendo a me reinventar na condição de mulher de luta sempre com você, fonte de inspiração e alegria. Agradeço aos bons encontros com Franciela no desfecho desta caminhada! Sou grata às mulheres que teceram comigo histórias, que multiplicaram esse trabalho. Obrigada por me emprestarem seus corpos, suas dores e suas resistências para compor a vida em imanência com a pesquisa. Agradeço aos artistas-escritores-professores que compõem a banca, levo muito de vocês comigo! Obrigada a quem faz e a quem fez parte do LIS (Laboratório de Imagens da Subjetividade) por cuidarem das transcrições e inspirarem tantas outras. Agradeço às pessoas que me ajudaram de alguma forma: financeiramente, a encontrar um livro na biblioteca, a localizar o ônibus e até mesmo oferecendo uma carona ou àqueles que me apresentaram um conceito novo que radicalizou a forma como eu estava construindo o texto/ a vida. Agradeço aos bons encontros que me mantiveram viva quando eu escolhi viver. Agradeço a quem sonha acordado comigo e acredita na feitura de um mundo aparentemente impossível. Agradeço a quem acredita no que escreve. Agradeço à Psicologia, onde me encontro muitas vezes perdida mas sempre atuante. Agradeço a tudo o que tem contribuído para que eu possa continuar...

“Eu não ando só.”

O bom é ser inteligente e não entender. É uma bênção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo.

Clarice Lispector (1984)

RESUMO

Estamos muito inquietas com nossos corpos desde que descobrimos que eles não precisam ser emagrecidos para serem considerados legítimos. Ao invés de repousar as vistas e soltar um palavrão diante das investidas sobre a nossa gordura que transborda, inventamos de fazer um Mestrado sobre a experiência do corpo gordo de mulheres imerso em inúmeras tecnologias que tentam disfarçá-lo ou puni-lo pelo erro de existir. Mulheres e homens gordos ou magros e gente amiga que anda comigo por aí confirmam a necessidade que nos é ensinada de não estarmos felizes com a nossa forma, com o nosso jeito, com o nosso peso. A correção dos corpos ganha molduras peculiares justificadas no belo e no saudável para tornar o corpo lugar de ilimitado investimento capital, já que tudo quanto é cantinho pode ser melhorado. Que corpo aguenta? Que produção de subjetividade enviesada neste recorte social do contemporâneo estamos (re)produzindo? A fim de fazer emergir mais indagações, escrevo com outras mulheres produzindo histórias acerca das vivências que perpassam o feminino, o corpo e a gordura. A discussão apresentada tem sustentação em Michel Foucault, Denise Sant' Anna, Roland Barthes e demais autores que abriram caminhos para acolher as fotografias de Fernanda Magalhães, artista que barbariza com sua arte e convida a uma afirmação da vida potente e alegre e nos impulsiona durante todo a pesquisa.

Palavras-chave: Corpo. Mulher. Gorda. Subjetividade. Fotografia. Fernanda Magalhães.

RESUMEN

Estamos muy inquietas con nuestros cuerpos desde que descubrimos que ellos no precisan adelgazar para ser considerados legítimos. En vez de reposar las vistas y soltar una mala palabra por las embestidas sobre nuestra gordura que transborda, inventamos hacer una Maestría sobre la experiencia del cuerpo gordo de mujeres inmersos en tantas tecnologías que intentan disfrazarlo o castigarlo por el error de existir. Mujeres y hombres gordos o flacos, gente amiga que anda conmigo por ahí, confirma la necesidad que nos enseñan de que no estemos felices con nuestra forma, con nuestro modo, con nuestro peso. La corrección de los cuerpos gana peculiares molduras justificadas en lo bello y en lo saludable para tornar el cuerpo lugar de ilimitada inversión capital, ya que todo cuanto es rinconcito puede ser mejorado. ¿Qué cuerpo aguanta? ¿Qué producción de subjetividad enyesada en este recorte social del contemporáneo estamos (re)produciendo? A fin de hacer emerger más indagaciones, escribo con otras mujeres produciendo historias acerca de las vivencias que atraviesan el femenino, el cuerpo y la gordura. La presente discusión tiene sustentación en Michel Foucault, Denise Sant'anna, Roland Barthes y demás autores que abrieron caminos para escoger las fotografías de Fernanda Magalhães, artista que con su arte barbariza e invita a una afirmación potente y alegre y nos impulsa durante toda la investigación.

Palabras-clave: Cuerpo. Mujer. Gorda. Subjetividad. Fotografía. Fernanda Magalhães.

SUMÁRIO

Caro leitor ou leitora dessa escrita.....	10
INTRODUÇÃO	11
1. ESBARRAM, DESCABEM, TRANSBORDAM.....	20
2. BRICOLAGENS COM O CONTEMPORÂNEO.....	29
2.1 DIZIBILIDADE E VISIBILIDADE	44
3. HISTÓRIAS PRA CONTAR (PALAVRAS MODESTAS PARA TANTA IMENSIDÃO).....	51
3.1 TRANSBORDAMENTOS	57
3.2 DIÁRIO FOTOGRÁFICO	72
É DA VIDA QUE SE TRATA, É A VIDA QUE TRANSBORDA	100
REFERÊNCIAS.....	107

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Tire seus padrões do meu corpo	19
Fotografia 2 - <i>Frame</i> de Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador.....	52
Fotografia 3 - <i>Frame</i> de Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador.....	53
Fotografia 4 - <i>Frame</i> de Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador.....	53
Fotografia 5 - <i>Frame</i> de Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador.....	54
Fotografia 6 - <i>Frame</i> de Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador.....	55
Fotografia 7 - Auto retrato no Rio de Janeiro	85
Fotografia 8 - Série fotos em conserva, 2000 - 2004	86
Fotografia 9 - Ação 13.....	88
Fotografia 10 - Classificações Científicas da Obesidade, 2000	89
Fotografia 11 - Classificações Científicas da Obesidade, 2000	91
Fotografia 12- Gorda 9.....	92
Fotografia 13 - Gorda 16	94
Fotografia 14 - gorda 12	96
Fotografia 15 - A natureza da vida	98

Caro leitor ou leitora desta escrita

As mulheres gordas estão cansadas!

Cansadas de tanta cientificidade falando por elas!

Cansadas de não caberem nas roupas.

Estão cansadas de serem tachadas de uma fartura de predicados tenebrosos.

Suas vidas ficaram na balança entre a obrigação do emagrecimento justificado em nome da “saúde” e do “bem estar” e um corpo que seja aceito socialmente que lhes permita olhares de desejo: vida sexual ativa, medidas ideais, aprovação.

Mulheres gordas sabem de todo o tipo de apelo que direcionam a elas de como ser e como disfarçar o mal da gordura e de toda a “parafernália” de ser gorda.

Mulheres gordas são bombardeadas pelas indústrias para preencherem todo o tipo de “falta”.

Estou farta. Farta de micro torturas disfarçadas. Estou cansada de resistir num corpo que se ensaia na condição de mulher e no estado de gorda!

E por acreditar no que pulsa, escrevo em nome daquelas que não cabem...

Escrevo para transbordar o que não cabe em mim.

Escrevo para não caber.

Se eu coubesse, eu não estaria aqui.

Prefiro não caber.

Sara Moreira, uma gorda.

INTRODUÇÃO

Há pouco mais de um ano, fui a uma defesa de dissertação de Mestrado e me encantei com a fala de um dos professores que estavam na banca sobre trazer para a escrita acadêmica as sujeiras, as dores, as dificuldades da pesquisa e não querer trazê-la asséptica, como se ela não fosse atravessada pelo tempo, pelo meio e pelos afetos.

Tudo aquilo me soou muito importante e verídico, porque em se tratando de trabalhos no campo da subjetividade, é importante não varrer a poeira para debaixo do tapete, mas enveredar pelo exercício de trazer à tona as incoerências, as frustrações ou, poderíamos dizer, os desvios que compõem os cenários de qualquer fazer.

A dificuldade era como fazer isso, em que momento do texto ou o que poderia ser contado sem entrar numa espécie de devir triste com o texto, já que apresentar um trabalho pronto ainda soa como apresentar um trabalho digno de louros.

Aí está a primeira coisa que aprendi no Mestrado. O trabalho final não significa que estamos produzindo o melhor trabalho sobre o tema. Assim como a vida, a escrita está em constante *devir*. Tanto que, ao longo de vinte e quatro meses, muitas escolhas foram feitas e revistas. A cada orientação uma ideia nova de como fazer o trabalho acontecer surgia.

A cada revisão do trabalho, muita coisa jogada de lado que foi novamente acessada quando me disseram que eu estava picotando o texto em vez de fazê-lo crescer. Abri mão da minha tendência a desfazer o texto e embarquei na dura viagem de não desistir dele enquanto escrevia, conforme apontado na qualificação.

Tive que aprender que um texto se compõe muito mais de pontes do que elementos figurativos que estão ali sem nexos. Aprendi também a ter um respeito muito grande pelo leitor. Escrever difícil nem sempre é o importante. Aproximar conceitos, explicá-los de forma clara e objetiva é complexo. Mas necessário.

De fantasias, medos e aprendizagens também é composta uma escrita acadêmica. Escolho a ordem dos acontecimentos para ilustrar os processos que fazem dessa pesquisa uma bonita tentativa de ser vida. E a vida também é composta de muitos rascunhos.

Havia um desejo muito grande de continuar a fazer pesquisa da graduação. Entre 2013 e 2014, também já havia desenvolvido uma pesquisa que tinha como estudo as relações corporais de mulheres em tratamento quimioterápico dentro da perspectiva da Psicanálise. Em 2014, surge outro edital de iniciação científica promovido pela Instituição de Ensino em que eu estudava. Já vislumbrando um Mestrado, apaixonada pelas proposições de Deleuze e Foucault, Gabriel Alvarenga - professor da graduação - aceitou pensar em uma proposta para que pudessemos trabalhar juntos.

Alguns dias depois, estava na casa dos meus pais, idealizando propostas que também tangenciassem o tema corpo, trocando os poucos canais de TV disponíveis, quando ouvi Fernanda Magalhães falando sobre mulheres gordas e arte. Imediatamente pensei o quanto era ousada essa mulher que assume uma postura de vida e trabalho com tanta coragem: autorretratos nus.

O programa, transmitido pela TV e-Paraná, foi posteriormente reprisado, o que possibilitou que eu acessasse a entrevista completa com mais calma e pudesse compreender melhor o contexto de trabalho da Fernanda. Até que, em algum momento, ela cita Foucault como sendo uma das interferências que ela

utiliza para pensar as discussões de corpo, de norma e controle da vida. Aquela mulher gorda, sem preocupação em atender a uma beleza considerada ideal, estava sentada com as dobras de sua barriga em evidência e com as pernas cruzadas para baixo afirmando que a sua relação com o corpo aponta para um debate que faz parte da realidade de muitas mulheres. Um debate que atravessava o meu corpo que, até onde me lembro, sempre foi um campo de batalha.

O que Fernanda faz é escancarar a existência de outros corpos, outras belezas, outros caminhos existenciais e eu estava muito interessada em ampliar a discussão dela e tomar aquela intrepidez como inspiração de vida e de pesquisa.

Seguimos, então, para uma pesquisa que se construiu no encontro com várias fotografias, encontradas na *internet*, – de diferentes momentos do trabalho da artista. Cada pose era preenchida pelo entorpecimento que as fotos me proporcionaram. Eram registradas impressões, fragmentos, pensamentos soltos que saltavam da experiência com o que os meus olhos reconheciam. Construímos um “Diário de Bordo”, assim chamamos na época, que funcionou como um lugar de registro nesse passeio por essas fotos.

E seguimos o fluxo, transformando-se, então, esse início de trabalho em uma pesquisa de Mestrado. Estava apoiada na suavidade do que tudo o que havia sido realizado provocou e, ao mesmo tempo, fortalecida por acreditar na validade de um pesquisa sensível e criativa.

A questão da mulher gorda ser mencionada na sala de aula do Mestrado causava um *frisson* entre alguns colegas, em especial as mulheres, que mantendo um modo de vida diferente do que o meu trabalho propõe, sabiam enaltecer a importância de se problematizar a questão das gordas.

Eu, gorda, colocando em evidência a questão do corpo no contemporâneo ao lado da fotografia é algo que fugia ao comum. Às vezes alguns não conseguiam acessar o plano de sensibilidade que estava sendo construído. Outras vezes, o meu modo de pesquisar também me deixou distante do modo tradicional de que muitos estão embebidos. Fui aprendendo que, apesar da escrita não ser sozinha, o Mestrado pode ser solitário se você advém do interior do Estado e com poucos recursos financeiros. Sim, a universidade pública ainda é muito elitista.

Apesar do caos, segui firme na proposta de ressaltar, com Fernanda, a mulher-gorda-arte, traçando planos de mulheres que existem, resistem e fortalecem o que está configurado para ser infértil. As leituras com as quais – fomos nos ocupando – fortaleceram ainda mais esse sentido.

Conheci então mulheres que discutem questões que perpassam a gordura e os corpos femininos e encontrei muitas parceiras de longe que estão problematizando, nas redes sociais, o que é ser gorda, o que é ser mulher, pensando aspectos de aceitação, sexualidade, moda, entre outros. E a tudo isso eu me apeguei para seguir em frente.

Houve momentos de congelamento. Momentos em que a fala de uma pessoa fez uma crise invadir até mesmo o nosso propósito de estudante de Mestrado. Algumas vezes, perceber-se gorda em uma cidade litorânea e quente, onde as pessoas andam com roupas de verão, incomoda muito. Em outros momentos, foi importante esquecer um pouco as dificuldades de estar em Vitória sem uma bolsa CAPES...

Experimentei a docência por meio do estágio e me delicieei aprendendo muito sobre mim mesma e sobre o processo de disparar reflexões em pleno golpe de governo. Fomos para as ruas, corremos de bombas, defendemos a democracia.

Lemos tanta coisa bonita, saímos da ignorância juntos. Apreendi muito com os alunos do Serviço Social em pleno golpe.

Outras vezes, não sei a razão de confundir-me, atropelar-me, esvaziar-me. Mas esse período ao qual me refiro, o primeiro semestre de 2016, foi o momento em que mais sustentei o meu corpo gordo. Deixei de negar a existência dele, ou de pensá-lo como um corpo que precisa ser modificado, emagrecido. E enfrentei muitas coisas para não morrer.

Sustentei o meu corpo o suficiente para que o retorno para a casa dos meus pais não fosse um meio de perder a potência provocada pelo encontro com Fernanda. Mas foi difícil. Adoeci, experimentei a solidão, estava fragmentada na dificuldade de deixar-me adaptar a uma realidade nova. Rompi com a modernidade de estar na capital. Li outras coisas. Uma pausa. A retomada para qualificar. Muita coisa.

Mas não morri. (Risos nervosos).

A qualificação, segundo o tempo estimado pela universidade, atrasou. Mas ela não deixou de ser gerada no tempo em que eu consegui. Eu estava pronta naquele momento: maio de 2017. E então, fui presenteada com novidades para o trabalho e aprendi que a pesquisa estava seguindo rumos que precisavam se fortalecer.

Houve mais um tempo e, em seguida, a orientação que abriu meus horizontes:

- Já pensou em ouvir mulheres próximas a você e histórias delas sobre seus corpos gordos?
- Já pensou escrever sobre o encontro com essas mulheres e as fotografias de Fernanda?

– Já pensou em sugerir que essas mulheres escrevam cartas à Fernanda?

Adorei as ideias. Eu poderia criar uma coisa nova na pesquisa e levar até outras mulheres a experiência de uma gorda nua na fotografia e ouvir delas o que poderiam dizer de corpos gordos. Eu já havia escutado também outras ideias de colegas de orientação. Já me sugeriram expor as fotografias ou espalhá-las pelo campus da UFES. Mas eu não me sensibilizava com tais propostas.

O que eu fiz foi ouvir mulheres, dentre elas vizinhas, amigas, parentes. Junto às vivências pessoais, escrevi oito histórias que em um tempo se chamavam narrativas, mas agora nomeamos transbordamentos. Fizemos isso com a liberdade de conversar com outros textos, outras inspirações. A proposta não é a de transcrever o que foi escutado, mas de transbordar junto.

Essas mulheres também tiveram acesso às fotografias de Fernanda Magalhães, conheceram informações acerca da artista e falaram sobre aspectos do cotidiano delas ou marcas do passado. Os aspectos que envolveram o corpo, as questões do feminino e as relações com a gordura foram os atributos que escolhi para construir as crônicas que contam histórias de mulheres gordas que, sem perceber, fazem de suas vidas obras de arte. No sentido exposto por Foucault, elas trazem muitos elementos de resistência em suas lutas consideradas tristes. Também nos interessou falar junto das experiências de mulheres comuns: donas de casa, estudantes, professoras, lavradoras, tendo como finalidade evidenciar a realidade de corpos gordos que Fernanda joga como elemento fundamental da arte.

E então tornou-se fundamental um retorno para as fotografias e as escritas trabalhadas entre 2014 e 2015, costurando com elas histórias conectadas com

as memórias construídas em 2017/2, elaborando uma outra coisa junto a outras vozes escutadas e escritas: o Diário Fotográfico.

A escrita incorporando-se à fotografia e não falando por ela ou pelas mulheres que conversamos. Uma fotografia-texto ou texto-fotografia. Imagens de diferentes momentos da artista, escuta de diferentes mulheres, trabalhos de diferentes pesquisadoras, já que acreditamos na impermanência das coisas:

O Senhor... mire, veja:
O mais importante e bonito do mundo
é isto: que as pessoas não estão sempre
iguais. Ainda não foram terminadas
– mas que elas vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam, verdade maior.
É o que a vida me ensinou. Isso que
me alegra de montão.

João Guimarães Rosa (1956)¹

A pesquisa, viva e intensa, mudou e muda a cada momento. É ela quem pode contar sua feitura, por isso a escolha de colocar as aventuras que fizemos, reconhecendo que vivemos muito no decorrer do Mestrado. Não podemos mais separar nossa vida desta pesquisa. Já não reconhecemos processos diferentes acontecendo. Tocamos e fomos tocados. Não desvinculo meu papel de autora desses escritos. A experiência é compartilhada.

Nossos caminhos partilham dos conceitos visibilidade e dizibilidade, de Foucault(2009), para nos ajudar a problematizar a questão do corpos das mulheres gordas pela via da escrita com as mulheres e com as fotografias. Nossos caminhos iniciam-se no capítulo “esbarram, descabem, transbordam” , situando o leitor acerca da experiência de ser gorda com uma breve

¹ Na obra “Grande Sertão Veredas” .

contextualização do corpo gordo e seus significados ao longo dos séculos. Em seguida, no capítulo “bricolagens com o contemporâneo”, partilhamos discutimos as políticas de aceleração do tempo: tempo que escapa na correria dos dias que fabricam nossa existência à mercê das políticas do capital. Em seguida, traremos o tema saúde/doença que margeiam os corpos gordos, os corpos que transgridem a norma, os corpos que transbordam. Em outro ponto, discorreremos sobre a questão da visibilidade e da dizibilidade em uma abordagem teórica; princípios que permeiam todo o trabalho como um fio condutor da problemática que escolhemos movimentar, pois nos ajudam a problematizar a questão do corpo das mulheres gordas pela via da escrita – outra temática presente nesse mesmo capítulo.

Pensar e contar sobre a experiência de escrita desta dissertação nos leva ao próximo capítulo, o coração do trabalho: Histórias para contar. Esse capítulo é experimentação de uma escrita conjunta e compartilhada. Nele estão os transbordamentos que o contato com as fotografias de Fernanda Magalhães provocou na pesquisadora e em outras mulheres, *transbordamentos e diário fotográfico*, e também estão memórias, dores, alegrias e resistências de um corpo gordo em contato com outros corpos, experiências e obras de arte.

Por fim, desembocamos nas colocações finais desta experiência de pesquisa: é da vida que se trata, é a vida que transborda.

Fotografia 1 - Tire seus padrões do meu corpo



Fonte: <https://poeticadepensee.wordpress.com/2012/09/28/tirem-seus-padroes-do-meu-corpo/> (2012).

1 ESBARRAM, DESCABEM, TRANSBORDAM

Um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais [...].²

A comadre se sentou
A cadeira esborrachou
Coitadinha da comadre
Foi parar no corredor
[...].³

Nós cantamos isso boa parte da infância, lá quando a gente associava que o pesado incomodava e fazia a cadeira quebrar e todos riam. Ainda cantam nas salas de educação infantil. Culturalmente, repetimos a urgente necessidade de não sermos tão pesados, motivo de riso. Nossos corpos não podem fazer a cadeira quebrar. Mas elas precisam ser adequadas a nossos corpos?

Tomar conta da forma e do corpo do outro é o que mais se faz. Desde que a criança nasce ela precisa parecer com alguém ou ter o jeito de alguém da família e ser caracterizada por gente próxima e gente distante. Ao andar na rua com a mãe, é possível que encontre “avaliadores” que julgam a estatura e o peso logo de cara.

A adolescência e suas transformações corporais também permitem interferências alheias. O povo acha que precisa colocar nome e significado em partes do corpo, anunciando que uma “mocinha” está desenvolvida ou não. Pioram um pouco quando dizem “já é uma moça formada” e a menina joga bola por aí.

²Galinha Pintadinha, 2010, Som Livre, Campinas.

³Trem maluco e outras Cantigas de Roda, Hélio Zinskind.

Esses costumes populares, que incluem reparar e comentar o outro, fazem parte de um hábito corriqueiro. A nossa sociedade permite essas invasões com o olhar e com a palavra embutida de comparações ou destaques na aparência que nem sempre quem é avaliado quer saber. Geralmente, não quer saber mesmo.

Mas é quase um gesto de solidariedade (enfatizamos a ironia aqui) avisar o outro do que ele tem ou não tem, porque demarcar isso também confere a ele o que ele é. É a suposição de um lugar para a mocinha que tem seios fartos como a avó ou para o menino de 9 anos que é “forte”. A querida senhora, prima da tia que fez o comentário, ameniza a gordura, mas o menino escuta que é gordo. Avisar a ele é essencial? A menina também não está acostumada com os seios crescendo, mas já sabe que o processo está sendo percebido. Incomoda-se, chora e pensa que não tem o que fazer. As vozes que ouvimos por aí, sem serem solicitadas, constroem verdades vorazes sobre os nossos corpos quando eles ainda nem querem escutar tudo isso.

Quando uma novela da TV aberta permite a veiculação de um diálogo entre um rapaz e sua namorada em que ele diz: “Promete que vai ficar bem gorda para os caras pararem de chegar em você?”, estamos amolando instrumentos sociais de tortura para com os corpos gordos; ensinando a toda gente que assiste à tv aberta passivamente a atender às interpelações ao emagrecimento. Pois do contrário, nesse caso, a novela ensina que ser gordo é não ser atraente aos olhares masculinos, colocando o corpo como aspecto central de um relacionamento.

Ter um corpo que não agrada aos outros homens é a saída encontrada para o jovem personagem inseguro e por isso interpela a namorada para que ela engorde. Mas (!) mulheres gordas não são atraentes? Nessa lógica da novela

Malhação - Pro dia nascer feliz⁴, observamos que felizes são as magras capazes de atrair homens, enquanto as gordas são capazes de repelirem ou não atraírem um parceiro. A vida se reduz a ser objeto de desejo masculino? Muita gente acha que não. Ainda bem, porque viver na dicotomia é chato e muito perigoso. Permite brechas mortíferas, amassa a potência e distorce a alegria.

Que corpo é esse determinado pelo discurso midiático que toma conta dos nossos desejos e faz com que nossa conexão com ele seja uma relação objetual calcada em uma verdade (absolutamente duvidosa) e não nos sentidos? Parece que nos perdemos de nossos corpos e estamos mergulhados nas ideias que nos contam sobre eles.

Escolhemos pesquisar com corpos de mulheres consideradas gordas, mulheres que são ameaçadas pelos discursos tristes que tendem a diminuir a vontade pela vida. Mas sabemos que esse cenário sobre os corpos nem sempre foi assim. Recorremos então a entendermos melhor como a sociedade considerada moderna fez das pessoas gordas uma outra coisa, que não era a de antes, já que consideramos os corpos como elementos sociais em construção e atravessados por forças oriundas de relações de poder.

Corpos que contam histórias por meio do tempo. Essa é a perspectiva adotada no livro gordos, magros e obesos - uma história do peso no brasil (2016), escrito pela historiadora Denise Bernuzzi Sant'anna. Dentre uma vasta pesquisa em diversas fontes, o que torna o livro uma curiosa aventura, destaca-se o século XX como um momento de muitas transformações no modo de compreender o corpo e a gordura.

De acordo com a obra, houve um período em que a gordura não era condenável e o peso não demarcava quais eram as características dos corpos esbeltos.

⁴Episódio do dia 08 de fevereiro de 2017 transmitido pela rede de comunicações TV Globo.

Mas, processualmente, ao longo do século XX a aversão aos gordos passa a compor o cenário cotidiano das pessoas. Gordos e gordas passaram a ocupar-se de funções como o trabalho árduo, ou eram vistos como lugares para o aconchego e o consolo e também como pessoas engraçadas. Todas essas características dadas às pessoas gordas tinham o intuito de compensar o fracasso por meio da utilidade. A repugnância ao corpo gordo já existia mais ou menos na década de 1920 na Europa, conjuntura muito diferente da dos anos anteriores, durante o reinado de Eduardo VII.

Em 1900, os corpulentos exibiam, com orgulho, o charme de uma época que desconfiava da magreza: “[a gordura] ainda não havia se tornado sinônimo de doença e nem ofuscava o charme de milhares de homens e mulheres dotados de ventres proeminentes, testemunhos de um certo prestígio social” (SANT’ ANNA, 2001, p. 20).

Antes de ser considerada um problema, a fartura do corpo da mulher gorda possuía prestígio social relacionado ao sexo. Os homens apreciavam experiências com outros corpos que não fossem os magros e era comum a exaltação do corpo arredondado conforme este texto publicado em um jornal da época:

Afinal um bello dia
Encontrei Maricota
Muito esbelta, luzidia,
gorda como uma bolota!
[...]
- Conta lá de uma só vez
Qual o meio que applicaste
Como pançuda ficaste
Em muito menos que um mês?
- É...que depois de casada
A fim de crear gordura,
Tomei em dose avultada
Ferro, ferro com fartura⁵.

⁵OLINA, 1889, p. 2 apud SANT’ ANNA, 2016, p. 31.

A modernização do espaço urbano das sociedades ocidentais, ao invés de criar sobre as pessoas gordas imagens virtuosas ou sensuais de corpos que poderiam servir à sociedade, demarcaram sobre esses corpos o *status* de risco, já que os espaços e as construções são vislumbrados para ocupantes magros que iriam caber confortavelmente nelas. As projeções não comportavam tamanhos que não se adequavam a medidas-padrões.

O velho “costume” segue em nossas práticas cotidianas atuais. A mulher gorda que não passa na roleta no século XXI sabe muito bem que não são todos os lugares que são construídos para ela. A mulher gorda, que dificilmente cabe na cadeira do cinema, também se lembra que tipo de sociedade excludente ela habita ao sentar-se e suspeitar que não conseguirá se levantar depois.

Espaços e objetos cada vez mais reduzidos, que nos convocam a nos aproximarmos de outros corpos, como no caso do ônibus e do cinema, mas sem necessariamente nos encontrarmos com os outros, já que grande parte das conversas são realizadas apenas se forem estritamente necessárias e não pelo desejo de bater um papo ou jogar conversa fora. A ociosidade foi transformada em perigo. Como estamos muito ocupados e tempo é dinheiro, a nossa lógica é da superficialidade nas relações, mesmo estando mais espremidos em lugares *softs*.

Nossa experiência nos permite afirmar que se estamos próximos de pessoas desconhecidas, o encostar acontece apenas se for absolutamente necessário. Puxar assunto é coisa rara e, se acontecer, dificilmente se transformará em diálogo.

Um corpo gordo, ao entrar num ônibus lotado, arrasta alguns corpos, mesmo pedindo licença ou desculpas ao ficar colado nas costas ou no braço de

alguém. É um corpo que toca. Impossível um corpo gordo sair ileso de esbarrões e não esbarrar. Um corpo gordo incomoda.

Insistindo em caber onde não foi projetada a ocupação para uma pessoa gorda, como esse corpo reage? Quais os efeitos da distribuição da massa corporal de alguém que pesa mais “do que deveria” ? Quais produções de subjetividade imbricadas nessas estruturas físicas espaçosas? A experiência do corpo gordo demarca que tipo de lugar?

Somos corpos-de-urgência, suportamos pouco a dor. E se formos a uma consulta médica, na sala de espera as revistas já nos ensinam como devemos fazer os nossos próprios diagnósticos. Aprendemos a querer a cura para os nossos males, desejamos não nos desviarmos das condutas ideais do que é esperado para os nossos corpos, aprendemos a não aceitar a angústia e o fracasso de ser gorda ou gordo. Uma produção que chamam de saúde que “acaba, madura, fechada, concluída, funcionando bem demais, jamais poderia acolher, abrigar, favorecer” ⁶.

Que saúde é essa? Trazemos um texto que nos ajuda a pensá-la:

[...]mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis. [...] Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem?⁷

E, assim, aprendemos a culpar o gordo e a gorda, os corpos que transbordam, pela sua própria ignorância, por comer demais, por não ter limites, por não

⁶PERBART, 2000, p. 65.

⁷DELEUZE, 1997a, 13-14.

saberem se controlar. Individualizamos os gordos e as gordas, os acusamos de gulosos, preguiçosos, glutões. Não são raras as falas “só é gordo quem quer”. Colocamos os gordos e as gordas na esfera do erro, pois a tendência é individualizarmos tudo o que difere, tudo o que constitui-se como risco, como perigo, e exigirmos dessas individualidades produzidas realizar de tudo para se inserirem no padrão desejável de saúde, beleza e estilo de vida:

Apesar de poder haver dúvida sobre o modo pelo qual o corpo foi danificado, não há nenhuma dúvida sobre a forma a qual se deve restaurá-lo... A ciência médica se contenta com o corpo humano normal e procura apenas restaurá-lo⁸.

Pais, mães, professores, parentes, amigos. Quase todas as pessoas sabem da necessidade de um gordo ou gorda emagrecerem, justificada na boa intenção chamada “saúde”. E todos sabem como emagrecer, como “fechar a boca”, como “fazer regime”: dieta da lua, dieta da água com limão, dieta da sopa. DIETA DE VIDA! O saber médico tomou conta do imaginário das pessoas e as torna capazes de gerenciar e organizar uma boa alimentação que emagreça. Em nome de uma saúde (que nesse caso significa quilos a menos na balança), a ordem é comer menos e se exercitar mais. Como dizem os bem intencionados: cuidar-se mais.

Estávamos pensando sobre isso e em como continuar o texto depois desse parágrafo de provocações, e começamos a pensar na existência dos gordos e gordas como corpos que existem “apesar de”. E do quão importante é construir práticas de si capazes de injetar vida, dar outros sentidos que não sejam os da exclusão.

⁸CANGUILHEM, 2011, p. 206.

Certa vez me contaram que a relação do surfista com o mar permite-o surfar. Vejamos que essa afirmação amplia a ideia de o *surf* acontecer de modo restrito: entre o surfista e sua prancha. O surfista surfa com o mar⁹. Esse modo de pensar as relações amplia o olhar de quem observa. E é tão fantástico porque diz respeito a um processo que acontece com o meio e não com um objeto: “No lugar de se apoderar do meio, de se agarrar a ele ou de se submeter a seus movimentos, para surfar é preciso aprender a estar com o meio¹⁰” .

Assim também nós, quando sentimentos nossos corpos aprisionados nas relações, não devemos nos limitar às subordinações. Mas nos percebermos inseridos no movimento das paisagens:

Construir a vida de cada um como obra de arte não com a intenção de expô-la em museus e galerias. Aqui o trabalho artístico não busca elevar o artista ou a obra, destacando um ou outro perante o mundo. Não se trata de destacar, elevar forças, potencializa-las, ampliar suas ressonâncias, realçando ao mesmo tempo o indivíduo e o coletivo, o humano e o não humano, não para colocá-los acima da vida, mas dentro dela, de tal modo que ao admirar um gesto humano, seja possível tornar admirável também os gestos que o cercam no presente e aqueles que o sucederam no passado. Transformar o corpo num território de ressonâncias destituído de todo autismo¹¹.

Acreditamos na arte que nos afasta do totalitarismo dos corpos e abre nossos olhos para as experiências livres e não isoladas, permitindo dobras e novas ligações que desmancham as verdades dos padrões. Ao invés de nos concentrarmos em discursos que explicam o porquê, a arte pode nos evocar ao simples (e difícil!) viver. Deixar os corpos viverem diversos como são, nos permite experimentá-los ao invés de torná-los objeto em investigações miraculosas.

⁹SANT’ ANNA, 2001.

¹⁰SANT’ ANNA, 2001, p. 98, grifo nosso.

¹¹Ibid., p. 99

Nossa proposta é fazer transbordar “a partir da ideia de que o eu não nos é dado, creio que há apenas uma consequência prática: temos que nos criar a nós mesmos como uma obra de arte¹²”. Mulheres gordas juntas que se espalham por aí reafirmam que o peso de nossos corpos não deve limitar a nossa graça, o nosso riso, a nossa força. Estendemos nossas mãos para ultrapassar as barreiras que querem ditar nossa liberdade, e transbordamos.

Corpo que não acaba, que tanto quer e que pode. Corpo que se desdobra. Recorta o corpo, mancha a pele, colore, desenha. Que usa tecido, mãos, cabelos, a pele, pincéis, recortes. Usa o corpo. Constrói, destrói. Coloca cor, mancha, suja, mexe, atrapalha. Cola um corpo em outro, faz do corpo a tela. Faz a tela no corpo. Corpo-encontro:

É ele [o corpo], portanto, que se esforça para extrair encontros do acaso e, no encadeamento das paixões tristes, organizar os bons encontros, compor suas relações com relações que combinam diretamente com a sua, unir-se com aquilo que convém com ele por natureza, formar associação sensata entre os homens; tudo isso, de maneira a ser afetado pela alegria [...] o homem livre e sensato, identifica o esforço da razão com essa arte de organizar encontros, ou de formar uma totalidade nas relações que se compõem¹³.

Corpo que experimenta a coisa toda que a gente respira e chama de arte¹⁴. Cria com Corpo livre que brinca com a arte para afirmar-se como luta que não cessa. Não cessamos enquanto pudermos insistir para a vida.

¹²FOUCAULT apud DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 262.

¹³DELEUZE, Espinosa e o Problema da Expressão. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>. Acesso em: 26 e abr. de 2017.

¹⁴Arte como exercício de pensamento que se faz por ruptura.

2 BRICOLAGENS COM O CONTEMPORÂNEO

Chego à esquina para atravessar e o semáforo dos pedestres já está contando os últimos segundos para sinalizar “vermelho”. Escolho correr junto àquelas pessoas na frente dos carros loucos para saírem em disparada ou espero alguns minutos até que o sinal feche e abra novamente? Resisto correr. Prefiro esperar. E creio não ser apenas um receio de um possível atropelamento. **Suspeito que há um corpo tentando resistir naquele instante.** Mesmo doendo, há um corpo vivo e resistindo. Um corpo tentando suportar tanta pressa e tantos mandatos sobre como ser, como andar e quanto tempo “gastar” para atravessar a rua. Um corpo cansado, sem saber, subverte ao encontrar desse trecho:

Pois o cansaço, ao mesmo tempo em que evidencia sensações de impotência, também pode ser anúncio de potência. Isto é, o cansaço pode ser ao mesmo tempo a ponta extrema do entorpecimento e o ponto zero do desejo de transmutação desse estado de coisa, uma experiência que traria à tona uma falência das redes de captura¹⁵.

As notícias chegam e em instantes já não são mais as mesmas. A novidade evapora. Corremos além do relógio. Corremos para comer, temos pressa para fazer sexo, para em seguida dormir e no outro dia acordar o mais cedo possível e ir trabalhar. Então, cumprimos uma carga horária de quarenta horas por semana já pensando no que fazer na sexta-feira à noite, no fim de semana, nas horas de descanso, que muitas vezes usamos para nos preocuparmos com os próximos dias, as próximas contas, os próximos objetos de consumo. Além de tudo isso, passamos horas no trânsito, às vezes em pé num coletivo carregando as sacolas pesadas de coisas que compramos no supermercado às pressas. Devoramos a comida pré-cozida. “Hoje o tempo voa amor, escorre pelas mãos, mesmo sem se sentir” já dizia a música “Tempos

¹⁵DOMINGUES, 2010, p. 20.

Modernos” , de Lulu Santos da década de oitenta, que meus pais ouviam no disco. Estamos em dois mil e dezessete. Paro e penso: Como o corpo aguenta? Como o corpo suporta tanta pressão, tanta produção de desespero?

Com essa política de temporalidade cada vez mais acelerada, o que experimentamos são modos de existência que nos ensinam a sermos apáticos frente aos acontecimentos¹⁶. As experiências passam por nós e a tendência é nos tornarmos meros espectadores delas: “O corpo é como que separado da experiência, anestesiado aos efeitos do convívio de heterogêneos e, portanto, surdo à exigência de criação de sentido para os problemas singulares que se delineiam nesta exposição” ¹⁷. Desde muito cedo somos serializados nas instituições¹⁸ que passamos a coexistir, broxando a nossa capacidade criativa de fazer outros usos do corpo que não estejam fixados pelas práticas hegemônicas. Sem saber que somos produzidos para múltiplas finalidades, parecemos reféns de produções subjetivas, à mercê de modos de gerir a vida.

É preciso esclarecer que tomamos pela mão a subjetividade como construção. Logo, de acordo com Deleuze e Guattari¹⁹, este conceito não se refere a uma essência ou uma natureza, pois diz respeito a um processo de criação de si que se dá através de diversas forças, dobras. A subjetividade se constitui como uma rede cheia de pontos que se cruzam e é atravessada pelo modelo socioeconômico hegemônico que gere nossas formas de agir no mundo, das mais gerais até as mais ínfimas práticas da vida cotidiana: “[...] essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística, inclusive aquilo que acontece

¹⁶ De acordo com Deleuze (1974, p.6) um acontecimento é o resultado de ações de paixões. Logo, ultrapassa o entendimento da lógica, do pensamento racional.

¹⁷ ROLNIK, 1988, p3.

¹⁸ Para Deleuze (2005, p. 26), as instituições são práticas e mecanismos operatórios que “fixam” as relações de poder e organizam os campos de visibilidade e os regimes de enunciados.

¹⁹1996.

conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiamos, quando nos apaixonamos e assim por diante”²⁰. Modos serializados de viver sem sentir. Viver sem afetar-se, sem indagar-se. Como não deixar que tais efeitos mórbidos tomem conta de nossa existência?

O que temos sentido e observado por aí são mulheres²¹ cada vez mais cedo ensinadas a se preocuparem com o formato e o peso de seus corpos, obedecendo a um padrão corporal que inclui um tipo de beleza e uma identidade²² que deve ser incorporada, um jeito de ser mulher associado a um ideal de corpo e de beleza. Existe uma produção de subjetividade para os corpos, lugar fecundo para a plastificação de desejos, de referências corporais que atendam à mortificação imposta que chamam de beleza e de vida.

A subjetividade foi reduzida ao corpo, a sua aparência, a sua imagem, a sua performance, a sua saúde, a sua longevidade. O predomínio da dimensão corporal na constituição identitária permite falar numa bioidentidade. É verdade que já não estamos diante de um corpo docilizado pelas instituições disciplinares, como há cem anos atrás, corpo estriado pela máquina panóptica, o corpo da fábrica, o corpo do exército, o corpo da escola. Agora cada um se submete voluntariamente a uma ascese, seguindo um preceito científico e estético, nas academias ou nos consultórios cirúrgicos [...].²³

²⁰GUATARRI; ROLNIK, 1996, p. 16

²¹Estamos considerando pessoas que se autodeclaram mulheres.

²²Processos contrários aos processos de singularização, que Suely Rolnik denomina de “identidades *pret-à-porter*” no texto “Toxicômanos de identidade – subjetividade em tempo de globalização” Disponível em: http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/viciados_em_identidade.pdf. Acesso em: 24 de abril de 2017.

²³Conferência proferida por Péter Pal Pelbart com o título “Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica” no dia 3 de outubro de 2008 no Ciclo “O Fundamentalismo Contemporâneo em Questão”, organizado pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>. Acesso em: 24 de abril de 2017.

Somos ensinadas a desejar a rapidez do esguio, do eterno. E quem não alcança o modelo é colocado no submundo da invisibilidade e do que deve ser combatido como erro. Nessa invenção do controle da vida, os dados epidemiológicos são critério para o que é saudável ou não. Soropositivos, diabéticos e hipertensos, por exemplo, precisam ser supervisionados pelo SUS (Sistema Único de Saúde) pois representam o joio que precisa ser separado do trigo. Esse exercício de controlar estatisticamente e produzir saberes para uma produção em série de “doentes” vigiados em categorias e escravos de uma saúde dominante se refere a uma vida biologizada²⁴. Práticas no campo da saúde que pretendem salvar a sociedade de quem oferece riscos e enaltecer modos de vida exemplares a serem seguidos. Foucault, a partir da década de 70, concebe seu entendimento na análise da direção de uma política sobre a vida, a **biopolítica**: “não se trata mais de redomesticar e de vigiar os corpos dos indivíduos, mas de gerir as ‘populações’, instituindo verdadeiros programas de administração da saúde, da higiene etc.”²⁵

Não é por acaso que pelas manhãs o programa televisivo “Bem Estar”²⁶ oferece dicas e orientações imperativas, as mais diversas possíveis, de como viver bem e melhor. Os especialistas de várias áreas médicas sugerem o emagrecimento como saída para a maioria dos problemas de saúde e tomam o exercício físico como um estilo de vida que julgam saudável. Ensinam a comer, dormir, fazer sexo, urinar, defecar. Ensinam tudo, pois existem modos corretos de realizarmos as mais ínfimas práticas cotidianas. Se há maneiras corretas de se fazer, eles decidem quais são e colocam os corpos-espectadores na posição de robôs-aprendizes, quase delinquentes que cometem o crime de estarem sempre na insuficiência de como se deve viver: “Corpo

²⁴SIBÍLIA, 2002.

²⁵REVEL, 2005, p. 32.

²⁶Disponível online para assinantes: <http://g1.globo.com/bemestar/>.

forçado a se encaixar no modelo, porque teme o desvio. Que não coloca em jogo seus gostos e preferências: se guia pelo que dizem que faz bem para a saúde e pronto”²⁷. Lógica que a tudo deve medicar, consertar as disfunções, como se fôssemos latas produzidas em série. A diferença é irritante, torna-se patologia, e o problema precisa ser solucionado à velocidade do capital. É como se tivéssemos perdido a autonomia dos nossos corpos e estivéssemos entregues ao uso dos comprimidos, dos estabilizadores de humor, do remédio que promete emagrecer e dos tratamentos que garantem diminuir a ansiedade e o apetite. Que saúde é essa que está sendo defendida?

[...] adequar o corpo às normas científicas de saúde, longevidade, equilíbrio, por outro, trata-se de adequar o corpo às normas da cultura do espetáculo, conforme o modelo das celebridades. A obsessão pela perfectibilidade física, com as infinitas possibilidades de transformação anunciadas pelas próteses, genéticas, químicas, eletrônicas ou mecânicas, essa compulsão do eu para causar o desejo do outro por si mediante a idealização da imagem corporal, mesmo à custa do bem estar, com as mutilações que o comprometem[...]”²⁸.

Romper com essas práticas de entorpecimento da vida que submetem os corpos e roubam-lhes a vontade da vida é o que emergencialmente precisamos fazer. Precisamos estancar corpos que sangram, corpos transformados em incômodos. A fim de romper com essa lógica, ensaiamos criar outras poéticas com as fotografias de Fernanda Magalhães propondo uma outra dimensão para a vida, fazendo do cansaço trampolim. Acreditamos na potência da escrita e na desordem que geramos ao desligarmos o automatismo e partimos para experiências sensíveis.

Desconstruindo o que as fontes midiáticas estão divulgando por aí, encontramos as mulheres gordas em seu cotidiano, em suas experiências e

²⁷REIS, 2015, p. 28.

²⁸PELBART, 2013, p. 27.

decidimos compor histórias que ultrapassam a dimensão de um “eu” localizado. Fizemos rachadura no discurso médico-estético e decidimos falar com as gordas que estão no mundo como pessoas que exercem suas singularidades, desfilam seus corpos, sofrem ou não, amam ou não, fazem sexo ou não, são amadas ou não, andam de ônibus ou não e tudo o mais que desejarem fazer ou não. Pois são corpos que querem viver nus ou vestidos.

Corpos que escrevem.

Corpos abundantes.

Corpos descabidos que escrevem.

Escrevo esperando que nosso trabalho não seja mais do mesmo. E que nossa retórica não seja só mais uma afirmação de práticas de clausura. Por isso a necessidade de estudar as políticas que incidem sobre a nossa maneira de escrever a vida.

Escrever sangra. As mãos cansadas, a mente dispersa, passo os canais da televisão sem vontade de assistir nada. Não entendi. Já não sabemos mais quem sou eu e quem é a palavra. As letras parecem chorar a dor de escrever, a dor de remexer um assunto que incita à luta, assunto que permeia a existência e que tem se tornado uma questão de pesquisa. Entendemos que nosso ponto de intersecção não é um questionamento que busca uma solução; pensamos-lo como uma inquietação a respeito do que tem sido transformado em verdade no contemporâneo e propomos a reflexão de quais os efeitos das práticas que essas verdades têm engendrado: como fazer do corpo gordo um lugar de resistência em meio a inúmeras tentativas de fazer calar?

Essa pergunta pulsa dentro de nós enquanto pensamos sobre com o que devemos nos incomodar no mundo. Sobre o que escolher, já que tantas coisas nos

incomodam. Então encontramos uma frase no meio do caminho que nos aponta uma possibilidade para nossas inquietações: “Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade” ²⁹. Criar sobre o que não damos conta, sobre o que nos tira o sossego. O respiro da angústia diz de um movimento que precisa acontecer. Vida de idas e vindas, de saídas, retornos, contornos e no meio de tudo isso, vida de invenção. Uma criação que diz de uma forma de não se acomodar, de não paralisar frente ao cansaço, às negativas que atravessam nossas vidas, ao que alguns nomeiam “faltas” ³⁰, *et cetera* sem fim. A vida é muita coisa. Muita coisa que atravessa e vai cortando. E preenchendo. E costurando com agulhas que espetam o dedo e que também faz coisas incríveis aparecerem.

Essa criação de novas possibilidades de vida, essa abertura para novos campos de possíveis, envolve uma nova maneira de ser: um novo modo de afetar e de ser afetado. Envolve uma espécie de *disposição*, uma abertura para ousar produzir a diferença e diferentes formas de viver. Produção da diferença nos movimentos que realizamos: em meio às nossas pesquisas, nos modos de pensá-la, e nas formas de escrevê-la... ³¹

Escrever é convidar. É como servir um café quentinho com biscoitos de nata para as visitas. Imaginemos uma sala com um sofá confortável, um vento gelado que faz as cortinas dançarem e um gato passa por nossas pernas. Queremos fazer leveza com as dores provocadas pelas amarras sociais sofridas no corpo da mulher gorda. Sinta-se à vontade. Oferecemos um lugar para sentar-se enquanto saboreia-se a vida escrita. Impossível desmembrar a coexistência dos sentidos “vida” e “escrita”. Às vezes, só existimos por que escrevemos, por que insistimos na dolorosa tarefa de tocar no

²⁹DELEUZE, 1987.

³⁰No sentido do que não temos; de não ter acesso a algo, não possuir o que se produz no contemporâneo como essencial.

³¹GOTARDDI, 2010, p.108.

desconforto que conseguimos mover em nós ao digitar o teclado deste *notebook*. Escrevemos sobre o que nos toca. Sobre quem somos. Seja bem-vindo a essa escrita. Propomo-nos disparar pensamentos ao que não tem estancado.

O filósofo Gilles Deleuze afirmava que os homens raramente exercitam o pensamento e, quando o fazem, é mais sob um choque, um golpe, do que no elã de um gosto. Pois bem, leitor, te digo: se tenho pensado algo, é assim, no golpe, no atrito, no embate com o mundo, com os outros[...]. É no estranhamento do encontro com o outro que um pensamento pode advir. O pensamento não se reduz à reconhecimento, ao reconhecimento de si mesmo ou de alguma forma definida de antemão, mas, ao invés disso, o pensar envolve outras aventuras, encontros inusitados com o mundo. De minha parte, considero que a vida seria muitíssimo tediosa se o tempo todo aquilo que nos é familiar, aquilo que, de algum modo, já estava em nosso pensamento³².

Parar. Pensar. Pausar. Nossa proposta é refletir sobre o que estão dizendo e nos fazem dizer sobre os nossos próprios corpos. Corpos que engorduram o mundo, que pulsam novas formas diante dos modelos – produzidos socialmente pelas práticas médicas e suas ramificações – que tendem a classificar o corpo gordo como excesso, como problema e como doença.

Escrevemos para acionar nossas configurações sobre o que é tomado como verdadeiro; a escrita convoca para outras subjetivações, nos transbordamentos de si, que escapam a certos regimes de dizibilidade e visibilidade e cria outros modos de ver e falar sobre as mulheres, sobre os corpos, sobre a vida.

Escritos como convocação à resistência, consideramos a noção de Foucault³³ em que resistência não é apenas opor-se a algo, mas adentrar o sistema de ideias a qual se opõe subvertendo de forma contínua o fluxo de pensamento de modo a problematizar o que se critica. Escritos como suscitação de bons

³²MORAES, 2010, p. 26.

³³2006.

encontros com o outro em que o eu e o outro já não são mais instâncias distanciadas e neutras. Resistir ao encontro de. Pensamos o conceito de “encontro” ao modo espinosiano, melhor explicado nessa passagem:

Os **bons encontros** ocorreriam quando um corpo compõe com o nosso e toda a sua força ou parte dela vem aumentar a nossa. Um **mais** de força não no sentido de um acúmulo de força, mas no sentido de uma maior intensidade das forças ativas, que venha produzir outra qualidade de força, uma **potência de agir**. Os **maus encontros** ocorreriam quando os corpos em suas relações produzem decomposição de forças – forças reativas– que se expressariam no se contentar ou se acomodar em sofrer os efeitos, em reclamar, em se lamentar, em acusar. Estas seriam as **paixões tristes**, a **potência de padecer**³⁴.

Pensemos sobre o que se passa em um abraço. Um bom encontro. As trocas que naquele momento acontecem não cabem ser descritas aqui. São instantes que superam a formalidade de contar o que acontece. Sentir torna-se mais essencial do que apontar descrever. A peculiaridade da experiência³⁵ dos afetos³⁶, de ampliar as sensações e fazer do corpo um lugar de incitações a ponto de não conseguirmos dizer quando a experiência deixa de fazer sentido. Por isso, acrescentamos essa pergunta aqui: “Alguém me responda, por favor, quando é que uma experiência acaba?”³⁷ Ou, quando ela começa? Ouso dizer não podemos chegar nem perto dessa resposta. Mas faremos tentativas de compartilhar experiências.

Assim, tentaremos sublinhar sobre as marcas do corpo a vida que elas revelam. E fazer das linhas dobras e fazer das dobras margens e fazer das margens outros desenhos. Bricolagens com o corpo. Passeios pelo corpo. Mãos

³⁴MACHADO, 1999, p. 17.

³⁵Gostamos muito dessa citação e achamos necessário que ela fizesse parte do trabalho explicando melhor o que queremos dizer: “É preciso apossar-se das sensações para criar sentidos e por meio desta experiência transmutar-se ou ver e dizer outras coisas, de outras formas, sob outros ângulos, perspectivas, sonoridades” (DOMINGUES, 2010, p. 18–19).

³⁶De acordo com Espinosa afetos são estados intensivos de uma força de existir que não nomeamos.

³⁷PRECIOSA, 2010, p. 91.

que escorregam o corpo. Pele que arrepia. Pele que diz muito mais do que a voz pode falar. O corpo precisa falar!

Caber naquele vestido de festa?
 Naquele banco de bar?
 Nas roupas daquela loja?
 No assento do ônibus?
 No carro com cinco pessoas?
 Na carteira da escola?
 Naquela numeração?
 No sofá da sala de dois lugares?
 No vestido de festa?
 Na roupa que sua prima lhe presentou?
 No pijama da amiga?
 No seu padrão?
 Caber para quê?
 A vida não me cabe.
 E isso às vezes dói.
 Muito.
 Viver dói e sangra.
 Pode doer e sangrar.
 E não precisa caber³⁸.

Essas questões surgem por que são vivenciadas em nossa pele! Estamos falando do que sentimos todos os dias. Pretendemos escrever coisas as quais nossos corpos são atravessados em nosso cotidiano. E por cotidiano entendemos “o lugar em que se formulam os problemas concretos da produção em sentido amplo: a maneira como é produzida a existência social dos seres humanos...”³⁹

Os encontros na sala de aula⁴⁰ nos fazem pensar nas seguintes perguntas:

³⁸Sara Moreira (2016)

³⁹LEFEBVRE, 1991, p. 30–37 apud DOMINGUES, 2010, p. 23.

⁴⁰Estamos nos referindo às aulas de Psicologia Institucional ocorridas no primeiro período de 2016 da turma de mestrado de Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. A disciplina foi ministrada pela professora Dr^a. Ana Paula F. Louzada.

“– Para quem escrevemos?” e “– Com quem escrevemos?”

Escrevemos nosso trabalho junto às mulheres gordas que utilizam as redes sociais para resistir e lutar contra o preconceito contra a mulher gorda e sobre o feminismo atrelado a essa discussão. Alguns grupos e páginas são compostos ou administrados por mulheres que se colocam em luta pelo próprio corpo e têm assumido a sua própria gordura. Uma rápida vasculhada na internet nos permite acessar muitos conteúdos a favor do corpo, da mulher que luta contra a condenação da gordura atrelado ao movimento feminista atual. Surgem *youtubers*⁴¹ e grupos ou páginas⁴² em redes sociais que divulgam um outro olhar sobre a mulher gorda. Tudo isso atravessa esta pesquisa pois

41

⁴²Alguns exemplos: “gorda sim, assumida também”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/195705320629661/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “gordas de boa”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/gordasdeboaoficial/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “Baleia”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/baleiazinha/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “Coletivo de mulheres gordas”. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1727955444094839/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. Páginas que seguimos: “Voz das gordas”. Disponível em: <https://www.facebook.com/VozdasGordas/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “Coletivo gordas Livres”. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivogordaslivres/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “As gordas”. Disponível em: <https://www.facebook.com/asgordasid/>. Acesso em: 25 de abril de 2017, “gorda”. Disponível em: <https://www.facebook.com/mulhergorda/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “gorda mesmo”. Disponível em: <https://www.facebook.com/gordamesmo/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “gorda!zine”. Disponível em: https://www.facebook.com/GordaZine/?ref=br_rs. Acesso em: 25 de abril de 2017, “Pode Me chamar de gorda”. Disponível em: <https://www.facebook.com/podemechamardegorda/>. Acesso em: 25 de abril de 2017, “Senhorita gorda”. Disponível em: <https://www.facebook.com/srtgorda/>. Acesso em: 25 de abril de 2017, “Por uma estética gorda”. Disponível em: <https://www.facebook.com/porumaesteticagorda/>. Acesso em: 25 de abril de 2017, “Feminista gorda”. Disponível em: <https://www.facebook.com/feministagorda/>. Acesso em: 25 de abril de 2017, “gorda&Preta”. Disponível em: <https://www.facebook.com/gordaeprreta21/>. Acesso em: 25 de abril de 2017, “Empodere uma gorda”. Disponível em: <https://www.facebook.com/empodereumagorda/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “Daz gorda”. Disponível em: <https://www.facebook.com/dazgorda/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “Vai ter gorda sim”. Disponível em: <https://www.facebook.com/VaiTerGordaOficial/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “gorda não é uma palavra ruim”. Disponível em: <https://www.facebook.com/fatisnotbad/>. Acesso em: 25 de abril de 2017. “gordativismo”. Disponível em: <https://www.facebook.com/gordativismo/>. Acesso em: 25 de abril de 2017.

somos afetadas por essa nova onda de se falar gorda ao invés do eu eufemismo gordinha, por exemplo.

Aprendemos com as *youtubers* Alexandra Gurgel – Alexandrismos⁴³, Ju Romano⁴⁴, Fê Veras⁴⁵, Luiza Junqueira – Tá querida⁴⁶ e Mariana Xavier – Mundo Gordelícia⁴⁷ a posicionar-se como parte do movimento a favor de nossos corpos, denunciando o que nos traz potências tristezas diante da vida, apontando caminhos de enfrentamento potente. O encontro com essas mulheres na *internet* foram muito importantes para afastar a solidão que chegava. Temos a necessidade de buscar nessas mulheres a força que vez ou outra ameaça nossa caminhada, pois: “Em um mundo que se faz deserto temos sede de encontrar companheiros⁴⁸” .

Nem sempre foi possível encontrar mulheres dispostas a compartilhar as dificuldades da pesquisa e da vida. Nos poucos grupos em construção que se propunham feministas que conheci, o termo “mulher gorda” ainda é *tabu*. Lembro-me que no estágio em docência, disciplina obrigatória do Mestrado, comentei a respeito da nossa pesquisa e senti o espanto tomar conta dos rostos das colegas e dos colegas do primeiro período do Serviço Social da UFES, que se afirmam feministas. Falar sobre o que tende a ser negado ou disfarçado pelos eufemismos causa um certo desconcerto. Essas vivências, e

⁴³Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC2LQ5jMieMZjb5k5Gprp2JQ>. Acesso em: 19 fev. 2018.

⁴⁴Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC980XziBFGRga3tQgUC0gcw>. Acesso em: 19 fev. 2018.

⁴⁵Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCwHfIBAt4h56Q1i1uNmQ2vw>. Acesso em: 19 fev. 2018.

⁴⁶Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCVEVuanoMK9tGclfWLghaKw>. Acesso em: 19 fev. 2018.

⁴⁷Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCkx2r9J47dA-UNkf4E6SB8w>. Acesso em: 19 fev. 2018.

⁴⁸Frase retirada do livro da capa do livro Terra dos Homens (2015) de autoria de Saint-Exupéry.

tantas outras, permitiram que rompêssemos fronteiras e fôssemos em busca de parceiras de outros lugares, ampliando a nossa rede de força.

Nosso trabalho é escrito na terceira pessoa no plural justamente por que escrevemos junto aos amigos e às amigas pesquisadoras que criam conosco reflexões acerca do corpo, da fotografia, da resistência, da produção de subjetividade e, sobretudo, da vida. Referimo-nos a uma amizade compreendida de acordo com Nietzsche:

[...] bem que existe no mundo, aqui e ali, uma espécie de continuação do amor, na qual a cobiça, ânsia que duas pessoas tem uma pela outra, deu lugar a um novo desejo e cobiça, a uma elevada sede conjunta de um ideal acima delas: mas quem conhece tal amor? Quem o experimentou? Seu verdadeiro nome é amizade.⁴⁹

Junto a esses companheiros compomos redes de afeto que ultrapassam os limites da universidade: os espaços que temos cuidado e que aumentam nossa potência de agir. Fazemos uso do conceito de Espinosa (Inspirado em Deleuze no *Curso de los Martes, Spinoza*, traduzido por Ernesto Hernández)⁵⁰ e por isso incluímos no texto uma breve citação:

Para Espinosa, todos nós somos graus de potência [potência de pensar e potência de existir] entendendo por potência, nossa capacidade de ser afetado, que é preenchida por afecções [imaginações] e por afetos [paixões]. Experimentamos uma incessante luta de potências. Somos afetados por paixões tristes, que paralisam, diminuem, impedem, nos separam de nossa potência de agir⁵¹.

Nossos corpos são inscritos pelos corpos de tantas mil mulheres.

⁴⁹NIETZSCHE, 2016, p. 52.

⁵⁰De acordo com DOMINGUES, 2010, p. 24.

⁵¹DOMINGUES, 2010, p. 24.

Mães
 Avós
 Tias
 Vizinhas
 Amigas
 Amigas das amigas
 Amigas das primas
 Colegas das turma
 Colegas das repúblicas
 Conhecidas
 Professoras
 Da TV
 Que passam pelas ruas
 Dos pontos de ônibus
 Estrangeiras
 Das memórias
 Da infância...⁵²

E todas elas escrevem junto aos nossos corpos e inscrevem sobre nós a todo o tempo o sentido de não desanimar de escrever. Uma mescla de corpos múltiplos, coloridos, inventivos, gordos e magros que compõe a bricolagem⁵³ que é a vida e faz com que ela ultrapasse os limites das formas tradicionais de se pensar as tramas do que pode *uma*⁵⁴ vida para além de qualquer tentativa individualizante:

Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos. Essa vida indefinida não tem, ela própria, momentos, por mais próximos que estejam uns dos outros, mas apenas entre-tempos, entre-momentos. Ela não sobrevém nem sucede, mas apresenta a

⁵²Sara Moreira (2017).

⁵³ “Transformar tudo em movimento forte, dar forma estética que não é estática” (ALVARENGA, 2011, p. 9).

⁵⁴Deleuze (2002, p.18) usa o artigo indefinido quando se refere a “uma vida” : Uma vida é indefinida, um acontecimento singular que rejeita toda categorização, não se enquadra em quaisquer dicotomias. O artigo indefinido fala da potência de um impessoal que “de modo nenhum é uma generalidade, mas uma singularidade ao mais alto nível” (DELEUZE, 1997a, p. 3).

imensidão do tempo vazio no qual vemos o acontecimento ainda por vir e já ocorrido, no absoluto de uma consciência imediata⁵⁵.

Escrevemos juntas a uma rede de afetos que não localizamos apenas no presente. Exercitamos uma escrita que nos escreve. Não somos tão autônomos da escrita quanto pensamos, e os elementos que trazemos para cá não estão separados de quem ensaiamos ser. Somos artífices de nós, e a escrita é um recurso que alimenta as múltiplas dobras do escrever.

Escrever tornou-se uma saída para que a pausa não se tornasse uma constante.

Escrever coloca-nos diante de uma postura artística em relação à vida.

A escrita é chama pra vida.

A escrita chama pra vida.

A escrita brinca conosco e por isso nos interessa movimentar as potências provocadas pelas tessituras que fazemos, que serão explanadas a seguir.

⁵⁵DELEUZE, 1995, p. 5.

2.1 VISIBILIDADE E DIZIBILIDADE

Escolhemos trabalhar com os conceitos de visibilidade e dizibilidade para refletir sobre as capturas e as forças que emergem e funcionam como linhas de resistência sobre as mulheres gordas no contemporâneo: de que forma vemos, dizemos, escrevemos, fotografamos sobre elas e por que assim fazemos?

Como pretender dizer da vida, compartilhá-la, ir de encontro a seus movimentos, se o vivo subverte às normas?

Segundo Foucault⁵⁶, os regimes discursivos acontecem pela via da dizibilidade e pela via da visibilidade, regimes de ver e falar que incidem sobre as sociedades. Predominam um sobre o outro definindo-se nos jogos de poder/SABER onde se produzem, considerando que as visibilidades não se confundem com os elementos visuais, nem mesmo podem ser definidas como formas que se revelam em contato com a luz. Para Deleuze⁵⁷, em sua leitura e comentários acerca dos trabalhos de Foucault, a visibilidade pode ser compreendida como “formas de luz que distribuem o claro e o obscuro, o opaco e o transparente, o visto e o não visto, etc...” A visibilidade pode ser entendida como a luz do foco ou “formas de luminosidade, criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações”⁵⁸. Não sendo instantaneamente aparentes, por não se emaranharem com os elementos visuais, é necessário “rachar” as coisas para ter acesso aos enunciados que compõem as visibilidades. Foucault propõe o mesmo procedimento de rachar as palavras para rachar as coisas.

⁵⁶ 2009

⁵⁷ DELEUZE, 2005, p. 66.

⁵⁸ Idem.

Dessa forma, a conduta política discutida por Foucault a toda a existência social considera “a análise, a elaboração e a problematização das relações de poder e o antagonismo entre as relações de poder e a intransigência da liberdade⁵⁹”. Segundo esse mesmo autor, as instituições devem ser analisadas a partir das relações de poder, e não o contrário, na medida em que as formas de institucionalização do poder definem caminhos e pressionam para determinadas direções. No entanto, a análise do poder se insubmete às suas formas institucionalizadas, conferindo potência às resistências e considerando a liberdade como prática.

No que tange os corpos, no contemporâneo, funcionamos dentro de uma espécie de vigilância em que a saúde afirma práticas eugenistas e higienistas que desembocam em outros discursos de ditos e vistos sobre a vida que regem nosso cotidiano. Foucault afirma ainda que em toda sociedade a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de instâncias que têm por finalidade conspirar poderes e perigos: dominar acontecimentos aleatórios em função da ligação do discurso com o desejo e o poder.

Assim, somos constituídos por dispositivos que produzem nossas subjetividades, elegem discursos e capturam nossos desejos. Sobre os discursos, temos que entendê-lo não apenas como aquilo que revela as lutas e os sistemas de dominação, mas também aquilo pelo que se luta. Podemos, através de nossas práticas discursivas, rever qual vontade de **verdade** atravessa sua forma e rege nossa **vontade de saber**. Entendendo que nossas práticas geram efeitos, nossas escolhas contém intencionalidades e são vetores de força e, portanto, geram consequências.

⁵⁹ FOUCAULT, 2010, p. 127.

Nossas escolhas de vida e pesquisa apontam para saberes e propósitos que estão margeados em palavras e expressões visuais que constituem nossas subjetividades e incitam outras vontades e saberes em planos discursivos imagéticos. A ingenuidade da escrita é uma falácia. Da mesma forma que opor-se a um determinado assunto não significa uma postura insípida e infértil de poder.

A partir do momento em que a questão do corpo e da gordura foi pensada para fazer parte de um mestrado em Psicologia Institucional com uso de determinados autores e recursos, já estávamos mergulhados num saber/poder muito anteriores a nossa própria existência que habita nossos desejos e comportamentos. A tentativa inesgotável é repensar o que estamos dizendo (e deixando de dizer), com o que e quem escolhemos dizer (ou não), tanto em relação às palavras quanto ao que é percebido aos olhos, e tentar identificar o que estamos produzindo com nossos movimentos.

O que sabemos a respeito do corpo e da mulher, nestes tempos, está atrelado a formas de pensar que esgotam a vida, reduzem a multiplicidade de contornos corporais e modos de ser que fazem o corpo da mulher gorda ser combatido em prol de ideais de beleza, trejeitos, costumes e maneiras de se portar no mundo. Saberes são eleitos para justificar tais práticas e as representações imagéticas dos corpos gordos são percebidos com repugnância. Nossos olhos são ensinados a horrorizar a forma gorda e a esperar das mulheres apenas comportamentos considerados apropriados ao sexo feminino, no que concerne ao lugar biologicamente justificado que se produziu para elas: mulheres são maternais, mulheres são sensíveis, mulheres são cuidadoras.

Alguns atendimentos de profissionais da saúde atuam se dão como confessionários de condutas cotidianas que visam a normatizar o estado dos

sujeitos. Acumular gordura, aumentar o peso corporal acima do padrão estipulado como saudável e praticar pouco exercício físico torna as pessoas sedentárias e obesas. Tais classificações médico-científicas alimentam discursos contra o corpo gordo, endossando saberes que o tornam doente, abominável, vergonhoso. Cabe aos pacientes confessarem suas práticas alimentares, horários e quantidades a fim de modificarem hábitos de vida caso desejem se adequar ao que se elegeu como adequado e saudável.

Nesse território híbrido, o obeso da classificação médica precisa ser restaurado, emagrecido, disciplinado para deixar de ser uma preocupação médica, deixar de ser causa de tantas outras patologias e deixar de ser preguiçoso, conforme o discurso moral que foi associado às pessoas gordas.

Contrário à preguiça, existem *modos operandi* de ser um bom sujeito social, digno de ter saúde, consumir meios de reabilitar-se, suprir-se, aprimorar-se para não desfalecer nos males que degeneram não só o seu corpo físico mas a sua honradez. Aquele que participa de um grupo de obesos e não consegue emagrecer é acusado de desobediente à virtude. A dieta prescrita deve ser seguida com louvor, em prol do obeso e em prol do grupo. Há uma culpabilização de quem fere o combinado de sair do conforto e lutar contra a balança, como dizem os discursos do nosso tempo.

As mulheres gordas, nas novelas brasileiras, ocupam o lugar de pessoas engraçadas ou mulheres que sofrem a rejeição amorosa do príncipe encantado. Gordas que dificilmente conseguem povoar o imaginário dos homens que não pela via do fetiche. Por que gorda para relacionamento é exceção. Tudo isso presenciamos nas formas de ver e falar difundidas por aí. Acontecimentos que apontam como estamos produzindo discursos e como eles têm povoado nosso imaginário, nosso modo de escolher o tema de pesquisa, o modo como nos

relacionamos com nossos corpos, o modo como propagamos preconceitos contra as pessoas gordas.

É possível utilizar-se da mídia de inúmeras formas, apropriando-se de sua maquinaria de forma ativa em lugar de nos rendermos ao seu padrão centralizador de sentido⁶⁰.

Pretendemos pluralizar os sentidos que a mídia tende a engessar em modelos. Viemos reafirmar a necessidade de se produzir outras formas de ver e falar, quebrando com o costumeiro modo de polvilhar discursos decidindo pela vida do outro e apontando o que ele deve fazer para se adequar ao que é considerado vida.

Nosso trabalho transita na escolha de dois elementos para endossar a discussão sobre os corpos das mulheres gordas: a escrita de histórias com mulheres a partir da experiência com seus corpos e a escrita de um diário a partir das fotografias da artista Fernanda Magalhães. Nosso trabalho foi se corporificando no encontro desses elementos. Ideias, cujos planos de dizibilidade e visibilidade podem ser localizados, foram sendo incubadas. O primeiro, constituído pelas escritas, pelas palavras trazidas pelas mulheres, pelos discursos revelados no encontro com as fotos e também pelos silenciados (não-ditos, disfarçados em balbucios); o segundo, constituído pelos discursos visíveis que compõe o imaginário representado pelas fotografias, pelo modo como escolhemos arranjar nosso texto abordando algumas temáticas em detrimento de outras e todo o resto que é da ordem do visível e colabora para a estética do nosso fazer. Quais as intencionalidades dos ditos e não-ditos e quais os destaques, os turvamentos das imagens, o manejar do foco, as sobreposições dos recortes, os jogos com o claro e o escuro?...

⁶⁰ DOMINGUES, 2009, P. 226

As histórias deste trabalho partem do plano dizível sobre o enredo que estamos construindo nesta pesquisa. Ao mesmo tempo, quem as escreve ocupa um plano de vizibilidade travessado por múltiplas convenções de saber-poder que o constitui.

Da mesma forma, produzimos saberes que envolvem os planos visíveis e os dizíveis da nossa subjetividade. Reproduzimos modos de olhar quando lançamos nossos sentidos sobre uma fotografia, sobre um texto, sobre um pensamento. Fazem-nos acreditar em generalizações, somos atravessadas em múltiplas dimensões de poderes que acontecem por relações. O poder incide em nós, nós exercemos o poder. Exercemos verdades, praticamos saberes. Somos ativos nas relações que compõem as sociedades.

O exercício de ver e falar que trazemos em nossa bagagem de pesquisa sai da ingenuidade e revela propósitos que queremos instaurar como problemáticas não só no campo de uma escrita acadêmica, mas de vida. Frente ao que apresentamos sobre o que é visto e falado sobre os corpos das mulheres gordas, propusemos outro olhar, outra semântica, despertando impressões e sensações que partem da vontade de saber voltada para a quebra dos dogmas medicalizantes e entristecedores da vida:

Abrir frestas no caos e traçar planos de composição para dar visibilidade às sensações intensivas, para permitirmo-nos senti-las. Tornar a força insensível sensível. Corpos abertos às sensações singulares. Essa potência estética de sentir faz parte da criação do existente, faz parte da própria vida, ou melhor, ela faz parte da imanência de “uma vida”⁶¹.

Primamos pelo exercício de outros discursos ditos e vistos sobre as mulheres gordas. Primamos por repetir a palavra “gorda” insistindo na necessidade de deixarmos de utilizar eufemismos ou de usá-la como

⁶¹LAVRADOR, 2006, p. 39.

xingamento. Nosso trabalho abarca uma discussão não muito comum nos meios acadêmicos... As mulheres gordas longe da lógica de torná-las objeto de pesquisa, fabricando saberes com a finalidade biologicista e epidemiológica.

Escrever, então, tornou-se um caminho sem volta. A alegria da composição que sempre existiu em nós foi delineando sua magnitude no decorrer do processo do Mestrado, em que produzir uma dissertação dependia da nossa entrega sincera para o texto que acompanha a vida e que tem a capacidade de dar fôlego, quando nas lutas diárias, o olho do furacão se aproxima e deixa-nos aturdidos, com ânsia de “desver” práticas manicomiais em nosso cotidiano.

3 HISTÓRIAS PRA CONTAR (PALAVRAS MODESTAS PARA TANTA IMENSIDÃO)

RECORTE 1

Gilbert Grape: Aprendiz de sonhador. Esse filme é incrível. Para situar um pouco quem não o assistiu, trata-se de um recorte dos conflitos cotidianos de uma família, de uma localidade pequena, que envolve o suicídio do pai e a reorganização de funções assumidas por cada componente familiar. Também notamos como cada um reage a essa perda na singularidade da expressão de suas vivências.

A mãe dos quatro filhos, interpretada pela atriz Darlene Cates (1947–2007), apresenta-se uma gorda enlutada que, pela tristeza contínua, torna-se uma espécie de mito na pequena cidade por não sair mais de casa e ter engordado muitos quilos após a trágica morte do marido: suicidou-se no porão.

O marido morto leva embora a alegria da casa, deixa dívidas e outros problemas. Ao longo do filme, assistimos ao sofrimento de uma mulher que faz do sofá o seu lugar de parada quando a gordura passa a dificultar seus movimentos. O sofá da casa abraça aquele corpo que não cabe em qualquer lugar, corpo em sofrimento, corpo esquecido.

Fotografia 2 - Frame Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador



Fonte: <<http://www.fanpop.com/clubs/whats-eating-gilbert-grape/images/5047026/title/whats-eating-gilbert-grape-screenshot>>. (2018)

Ao lado dos filhos, Bonnie torna-se cada dia mais incapacitada, a ponto de a mesa, na hora das refeições, ser deslocada até ela enquanto está sentada no sofá, onde permanece durante boa parte do filme. Outras situações cotidianas mostram os cuidados que os filhos desenvolvem com ela a fim de explicitar que tipo de relação a personagem Bonnie estabelece com seu corpo, com a vida. Torna-se cada mais dependente e triste, adaptando a rotina da casa às suas necessidades.

Fotografia 3 - Frame Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador



Fonte: <<http://www.fanpop.com/clubs/whats-eating-gilbert-grape/images/5047100/title/whats-eating-gilbert-grape-screenshot>>. (2018)

Fotografia 4 - *Frame* de Gilbert Grap: Aprendiz de Sonhador.



Fonte: <<http://www.fanpop.com/clubs/whats-eating-gilbert-grape/images/5048229/title/whats-eating-gilbert-grape-screenshot>>. (2018)

Quando a personagem morre deitada em sua cama, seria preciso acionar um guindaste para retirá-la da casa e realizar o enterro, ocasião em que toda a cidade teria a oportunidade de ver a gorda monstruosa que Bonnie se tornara, situação que ela sempre evitou.

Fotografia 5 - *Frame* de Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador



Fonte: < <http://encenasaudemental.net/cinema-tv-e-literatura/gilbert-grape-aprendiz-de-sonhador/> >. (2018).

O filho mais velho da família Grape, Gilbert, decide então retirar alguns móveis da velha casa e atear fogo, a fim de que o corpo da mãe, que era incapaz de ser movimentado por força humana, se tornasse cinzas. Aquele corpo que cobria a cama de casal coberto por um vestido florido foi tomado por chamas.

O corpo da personagem, que não suportava o olhar alheio e se escondia dentro de casa, terminou em chamas, no silêncio de sua casa, para não causar o desgosto de ser visto.

A gorda virou cinzas. Teve suas gorduras queimadas e virou pó. Seu corpo foi destruído para que o restante da família pudesse recomeçar. A personagem prefere “tornar-se parte da decoração da casa”, com lugar específico para habitar, desimpedida pelo julgamento da sociedade.

Fotografia 6-*Frame* Gilbet Grap: Aprendiz de Sonhador



Fonte: <<http://4.bp.blogspot.com/6jpwQ1TCxUw/T14oisnoSI/AAAAAAAAABkA/hQsKln9ZqEE/s1600/Fullscreen+capture+10032012+002843.jpg>>. (2018)

RECORTE 2

Minha tia enrolava os biscoitos de nata e chamava os sobrinhos e as sobrinhas para ajudá-la. A massa era gostosa de apertar. Quando ela escorria por entre os dedos, nos sentíamos brincando de massinha. Nossa tia nos ensinou sobre quantidade. Era importante pegar uma quantidade parecida de massa para não diferenciar os biscoitos. Mas cada um de nós mesmo com uma quantidade similar de massa fazia biscoitos de múltiplas formas. Minha tia dizia que era muito difícil um biscoito sair como os demais, pois cada um tem um jeito de enrolar a massa. Mesmo assim, todos ficavam bonitos e gostosos. Ela disse que os biscoitos diferentes também seriam comidos e eram seus preferidos. Alguns ficavam engraçados, outros a gente tentava dizer com o que se pareciam.

A alimentação sempre esteve presente na rotina diária da nossa infância, pois fui rodeada de mulheres merendeiras que sabem muitas receitas decor. Aprendi muito cedo a apreciar uma boa comida. E sem saber, naquele dia, nossa tia estava ensinando sobre diferenças, multiplicidades e a beleza de outras formas. Obrigada tia! Não é por acaso que escrevo sobre tudo isso e que, ao escrever, lembrei dessa história.

3.1 TRANSBORDAMENTOS

Essas duas recordações que antecedem o que pretendemos apresentar a seguir contam um pouco sobre a nossa tentativa de tocar o mundo de outras mulheres. Acessar o entendimento do outro sobre acontecimentos e adentrar o campo da sua singularidade comove e anima a inquietude de que “[...] o pensamento, por mais hostil que seja à vida, é sempre expressão de uma forma de vida. [...] O mundo são nossas interpretações⁶²” .

Tanto a experiência com a personagem Bonnie, de um dos filmes mais especiais que já assistimos, quanto a experiência com a tia por meio dos biscoitos, tangenciam a relação com o corpo e por meio delas - e de tantas outras -sentimo-nos convocadas a problematizar a questão pela escrita de outras histórias que ressoam em outras vidas.

Intrigadas em conhecer a experiência do contar sobre o corpo, quais situações, medos, perguntas, anseios e memórias essas mulheres trazem consigo e como elas vivem suas vidas? Quais modos de vida existem para as pessoas gordas? Quais resistências são possíveis?

Também queremos que outras mulheres escrevam conosco. Queremos que mais mulheres tenham acesso ao trabalho de uma artista que expande o olhar do corpo nu da mulher gorda afirmando outros lugares de criação e resistência até então pouco percorridos.

Assim, fomos captar novos afetos e afastar a solidão de uma escrita que acontecia e que não poderia desanimar. Então, localizamos corpos transbordantes de oito mulheres que fazem parte do convívio social da pesquisadora e que compõe a construção de histórias diferentes - nomeadas

⁶²DIAS, 2011, p. 15-16.

de transbordamentos e numeradas em ordem crescente – que vêm à tona, ora em encontros mais intimistas, ora na companhia de duas ou três mulheres às quais são apresentadas algumas fotos de Fernanda Magalhães e a elas era dito que podiam contar o que desejassem a respeito da experiência com seus corpos gordos.

Desses encontros, emergem memórias, afetos, sensações, fantasias que são compartilhadas e transformadas em transbordamentos que se mesclam com as vivências do corpo gordo da pesquisadora. Tudo isso tecido à luz dos afetos num intangível encontro de corpos femininos que ultrapassa a necessidade de contar sobre uma verdade: “A estrutura de um corpo é a composição da sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado” ⁶³. Nossos corpos gordos fazem barulho, incomodam, pressionam belezas e virtudes. Logo, nosso texto também pretende não caber nas tradicionais arestas da instituição acadêmica.

Tendo a fotografia como partida, tomamos as narrativas como oriundas do eco de um trabalho artístico, de uma composição. Uma criação a partir de. Olhar, ver, tocar as fotografias num dado momento e sentir a experiência que se abre com as palavras:

Caminhar com vontade, mas a esmo. Errar com intensão, intensidade, passear com nossas pernas sem mapa preestabelecido, mas atentos e porosos. A que seria direcionada afinal a proposição de se viver como obra de arte? Seria um desafio feito ao sujeito? À peça artística? Ao procedimento de criação? Ou mesmo a um certo diagrama de forças? Existir de forma estética em sua força mais afirmativa: a criação⁶⁴.

⁶³DELEUZE, 1968, p. 147.

⁶⁴ALVARENGA, 2012, p. 14–15.

Não queremos produzir palavras que dizem sobre a experiência dita verdadeira. Não há a pretensão de estarmos perto da realidade do acontecimento apesar de nos referimos a elementos verdadeiros. Nossa escrita também não está presa à verdade das fotografias. Pelo contrário, estamos com as fotografias, mas além delas, como um eco, já que a nossa proposta é acionar novos elementos que fortaleçam uma criação.

Criar é colocar a realidade como devir, isto é, aos olhos do criador não há mundo sensível já realizado onde é preciso se integrar. Criar não é buscar. Não é buscar um lugar ao sol, mas inventar um sol próprio⁶⁵.

Interessa-nos criar não porque falta, mas porque necessitamos da criação para viver. Não há vida sem criação. Existência que quer mais vida, quer descobrir-se em outras experiências. Não cansar de ser criador de si e recriar a existência. Feito o artista apaixonado por sua arte, também nos apaixonamos pelas histórias contadas e decidimos que elas precisavam compor nosso trabalho, tamanha beleza e inventividade dessas oito mulheres. As histórias não possuem identificação e pretendem funcionar como sobressaltos os quais o leitor ou leitora é convidado a experimentar.

Resolvemos criar a partir dos limites, entrando em um outro plano, a fim de perder a dureza imposta pelo eu, coletivizando a experiência, potencializando afetações que nos ajudam a destituir um modo de ser mulher hegemônico e afirmar outras possibilidades de existência para o corpo de mulheres gordas.

Corpos singulares em imanência com outros, a fim de problematizar a história do corpo e de seu fecundo lugar de produção de tecnologia e

⁶⁵DIAS, 2011, p. 65-66.

manufatura da vida. Precisamos mexer na ferida que está em vias de cicatrização. Refazer-nos.

Instaurando-se a necessidade de multiplicar o que temos como força motriz do trabalho, decidimos dar as mãos a outras mulheres que pudessem tecer conosco escritos sobre suas vidas de mulheres gordas, mulheres-resistência que habitam nosso cotidiano: “É uma característica da vontade criadora tender ao aumento de potência, crescer e expandir-se [...] um constante recomeçar⁶⁶” .

Saímos da escrita diarista para uma escrita de histórias compartilhadas que coletivizaram a nossa experiência com a gordura e nos permitiram criar na busca pela multiplicidade de vozes que queremos que nossa escrita tenha: “Criar é uma atividade constante e ininterrupta. É estar sempre efetivando novas possibilidades de vida⁶⁷” . Alguns encontros foram mais solitários, marcados pela escuta cativa de elementos aparentemente particulares, nas quais foi necessária uma postura clínica, Em outros momentos, encontros dispostos em uma mesa de café da tarde, nos quais mulheres exibiam a graça de serem quem são e a força de estarem juntas rindo das durezas da vida que incidem no modo como se relacionam com seus corpos.

É preciso ter coragem para ser mulher, para viver como uma e para escrever junto com elas. A seguir, nossos corações femininos estão juntos transbordando em palavras.... Dedico aos corpos que transbordam a alegria de vê-los nessas pequenos ensaios, histórias biográficas, que bifurcam nosso caminhar sitiado pelas lutas. Sejam bem vindas, palavras que percorrem os desejos de tornar esta pesquisa muito mais do que um trabalho.

⁶⁶DIAS, 2011, p. 69.

⁶⁷Ibid., p. 65.

Que haja vida onde houver.

Coloco uma música.

Transbordamento Mulher 1

De vez em quando me lembro do dia em que minha mãe e minha tia disseram que gostariam de trocar de corpo comigo. Eu era uma criança loira e magra. A boneca das minhas primas, o prodígio das professoras. O corpo invejável de duas mulheres gordas insatisfeitas com as gorduras que tinham. Quando eu cresci e entrei para a “casta” das gordas da família, não fui bem recebida por elas pois, assim como elas, eu estava fadada à insatisfação corporal, disseram em outras palavras. Então, logo tentaram me emagrecer para cuidar da saúde e para que eu não perdesse as roupas que tinha.

A menina bonita que sustentava o ideal de fantasia da criança perfeita foi sucumbida pelo incômodo da gorda desleixada. Era preciso emagrecer com o doutor que passa dieta e remédios manipulados. Eu não entendia como era possível cuidar da saúde tomando remédios com uma embalagem escrita em caixa alta “cuidado! esse medicamento pode causar dependência”. Eu tinha 17 anos e muitos pesos para perder.

Era época do vestibular. O Dr. disse que, quando ele estudava, ele tinha uma colega na graduação que no início era muito gorda e feia, mas que emagreceu ao longo da faculdade e depois se tornou a garota mais linda; e disse que aquilo também iria acontecer comigo. Eu emagreci com medo de ser a mais gorda e feia da faculdade, porque eu pesava 81kg. E passei a ouvir muitos elogios dos parentes gordos e magros. Senti que aqueles seis quilos a menos me deixavam mais longe da condenação de ser feia. Voltei a usar vestidos, tive uma anemia grave, mas era normal. O médico dizia que era porque tinha mudado a alimentação. Melhor uma anemia do que ser gordura, claro. Passei no vestibular e, mesmo mais magra, me sentia feia. O que deu errado naquele tratamento?

Transbordamento Mulher 2

Eu nunca me achei feia, mas as pessoas, quando me encontravam, falavam que eu havia engordado. Já perguntaram se eu estava grávida e um sobrinho meu disse que eu estava em forma de barril. Fiquei com fama de brava na família pois respondi que ele não tinha nada a ver com a minha vida.

Adoro comer doces. O meu café é bem açucarado. Fica difícil não comer, pois faço comida todo dia lá em casa e sempre faço pão e bolo caseiro. Quem aguenta ver e não comer?

Meu casamento andava mal. Meu marido é muito ignorante e não queria mais fazer sexo comigo, dizendo que eu estava gorda, mas ele se esquece da barriga grande que ele tem. É uma boa pessoa, mas ria das minhas gorduras na frente de qualquer um e falava que ele era um homem muito forte para me aguentar. Eu me sentia envergonhada. Eu não era mais mulher? Chorava muito e rezava para emagrecer. Pedi conselhos para o padre e ele disse que o importante é o que a gente é e a nossa saúde é mais importante do que a nossa casca. Eu gostaria de ser magra, mas como eu não sou, fazer o quê?!

Mas eu ainda não estava muito conformada. Aí meu filho mais novo emprestou o cheque e compramos os produtos de uma marca famosa. Foi bom pra mim, eu gostava de tomar aquilo no lugar das refeições, tem gosto de chocolate, de baunilha e de morango. Só que é caro e eu enjoiei.

Dói muito quando me chamam de gorda e me dá uma raiva bem grande. Se eu pudesse não escutar isso, eu gostaria. Um dia soubemos da notícia que o tio do meu marido morreu. Imediatamente respondi: “Graças a Deus, menos um para me chamar de gorda.”.

Transbordamento Mulher 3

Fui na endocrinologista depois de dois meses esperando ser chamada. O intuito era saber se eu precisava continuar tomando remédio de tireoide ou não e pedir outros exames complementares. Ao acabar de falar isso, a médica me perguntou se eu já tinha pensado em fazer cirurgia bariátrica. Eu não consegui responder nada de imediato. E ela continuou dizendo que ela fez e foi ótimo, porque fez antes de qualquer complicação.

Ela não me pesou, mas só de olhar para mim já me condenou de doente pelo corpo que tenho. Disse que a gordura acumulada no organismo provoca efeitos irreversíveis a longo prazo e que, se eu estou com esse peso agora, imagina aos quarenta anos.

Saí de lá com o pedido de exame e com o mandato de que eu estava encaminhada a uma cirurgia que vai me cortar por dentro e mudar radicalmente todos os meus hábitos alimentares. Cirurgia bariátrica preventiva eu não conhecia.

Eu me perguntei até que ponto essa médica poderia me orientar daquela maneira e minha reação foi escrever num grupo do *Facebook* que eu participava o que eu tinha vivenciado. Não é somente comigo que isso acontece. Outras mulheres são atravessadas pelo discurso violento de que é melhor fazer os procedimentos do que continuar gorda. Eu fiz todos os exames que a médica passou. Nenhuma alteração. Mas como estou gorda, preciso ser orientada à bariátrica, pensam.

Transbordamento Mulher 4

Olha, eu tomo uns seis remédios e tentei fazer dieta, mas eu nunca consegui emagrecer. Vou no cardiologista uma vez ao ano porque tenho pressão alta desde que minha irmã mais nova casou e foi embora lá de casa.

Meus filhos vivem pegando no meu pé, falando para eu não comer as coisas quando estamos juntos. Mas eu não ligo e como e não estou nem aí. Eu peso o mesmo que uma vaca, mas eu não tenho doença no sangue, tá tudo normal. Mas minhas irmãs ficam me vigiando nas festas e depois comentam com as filhas e sobrinhas que eu deveria emagrecer.

Eu faço caminhada há muitos anos, não exagero na gordura e no doce mas, mesmo assim, não importa. É porque sou gorda. Criei filhos para me controlarem hoje nos ambientes. Eles falam que eu sou um caso perdido. São todos magros, puxaram ao pai.

Quando me chamam de gorda, eu nem ligo. Já estou acostumada. Eu tenho uma cunhada, vizinha minha, que me vê quase todo dia, mas de vez em quando fala que eu tô gorda. Já estava cansada e respondi: “E você está toda torta!”. Ela é magra e acha que pode falar de mim. Tenho pena dela, mas acho que ela não tem o direito de ficar falando do meu peso.

Uma coisa que eu detesto é cadeira de plástico, aquelas brancas. Aquilo não me cabe e eu tenho medo de quebrarem quando eu sento. Acho um sofrimento ter que sentar naquilo. Já pensou se eu cair, o quanto vão rir?

Teve um dia que subi em cima da carroceria do carro do meu marido e minha irmã ficou preocupada achando que eu iria me machucar e ficou me perguntando se eu ia conseguir subir e descer sozinha.

Transbordamento Mulher 5

Eu crescia e engordava um pouquinho e minha tia me chamava de gorda, porque eu tinha uma micro gordurinha entre o braço e o colo. Odiava ser chamada de gorda, porque naquela época eu estava sendo xingada, eu associava gorda a feia, preguiçosa, desajeitada, sei lá.

Meu corpo acompanhou toda minha trajetória de Ensino Médio, período onde eu me achava muito mais gorda do que eu era. Mas eu me sentia gorda e cheia de celulites. Quando eu apertava o meu braço, eu via celulite, e isso me apavorava, era o fim.

Vomitava para colocar para fora todas as pressões sociais que eu sentia, para me sentir mais leve e não morrer de tanta ansiedade e medo da rejeição das pessoas. Eu vomitava e ninguém sabia, só me achavam mais magra e eu achava aquilo tudo uma mentira, porque ainda me via gorda e só me sentia um pouco melhor quando eu colocava para fora.

Eu nem olhava para aquela comida toda, eu só pensava que estava fazendo a coisa certa. Na verdade, eu estava doente, louca e muito perdida em toda a gordofobia que me ensinaram. A garota que se achava esperta chegou ao fundo do poço porque estava reproduzindo o ódio a si e aos corpos.

Paguei o preço mais alto que existe: sentir que se está morrendo! Machuquei minha laringe e minha alma por muitos anos até conseguir me olhar no espelho e comemorar que estava engordando. A gordura passou a ser sinal de vida pra mim que estava perdendo cabelos e com os dentes muito frágeis.

Ninguém deve se matar para ter a ilusão de estar adequada ao mundo. Tive que passar muito mal para enxergar que eu sou uma outra pessoa. Uma pessoa que eu descubro a cada dia, porque fiquei muito ocupada tentando emagrecer e só agora estou mais leve.

Transbordamento Mulher 6

Eu moro numa casa pequena. Ela não é luxuosa e muito menos perfeita. Ela tem tudo que uma casa normalmente tem: portas, janelas, cômodos, móveis e, principalmente, segredos. As portas dificilmente são abertas, as janelas só se fecham à noite ou quando quero um tempo pra mim, porém, durante o dia, me deixam ver o mundo lá fora, sejam os arco-íris, sejam as tempestades. As paredes de fora têm uma cor única e pintada com várias manchinhas escuras, marcas de guerra, como gosto de chamá-las. Essa casa me protege de muitas coisas. Ela é incrível, mesmo sendo tão simples, mas eu não gosto muito dela. Não gosto pois alguns convidados ou pedestres, que moram em casas lindas e impecáveis, podem não gostar e falar mal da arquitetura, por exemplo, mesmo que essas casas nos sejam dadas e dificilmente reformadas.

Eu invejo muitas casas, até de amigos meus: tão certas, limpas e organizadas, e a minha isolada e com medo. Estou sempre sozinha por aqui, nunca recebi convidados. E não quero muito também. Tenho medo de abrir as portas, principalmente as do coração. Por aqui eu faço o que eu quero: danço, brinco, canto, choro, sofro, me machuco e floresço, tudo sozinha. Parece solitário, não é? Não é, ao menos, não mais. Ficou até divertido. Só eu posso me julgar quando estou sozinha. Não que eu ame, mas eu não odeio, pois é um lugar confortável pra passar o tempo, principalmente o meu quarto. Ele é decorado e organizado como eu quero e, mais importante que isso, ele guarda tudo sobre mim, até os segredos, incluindo aqueles trancados a sete chaves. Nele eu vivo tudo o que quero, e também o que não quero; nele estão guardadas memórias que eu gosto de lembrar, e também as que eu gostaria de poder enterrar. Enfim, minha casa é simples, mas guarda coisas incríveis, mágicas e terríveis, todas esperando para serem exploradas. Ela recebe alguns nomes por aí: linda, gostosa, feia, delícia, gorda. Mas o que eu mais gosto é casa, cientificamente conhecida como corpo.

Transbordamento Mulher 7

Eu tenho dificuldade para comprar roupa e para passar na roleta do ônibus é quase impossível. Algumas pessoas entendem que preciso sentar na frente, outras já me chamaram de preguiçosa quando ocupo um lugar que poderia estar sentando um idoso caso eu tivesse vergonha na cara e emagrecesse. Já ouvi cada coisa me amaldiçoando, muitas coisas de próprias mulheres.

É difícil sim se amar gorda. Eu queria fazer umas tatuagens, mas tinha vergonha de ir a um tatuador e mostrar meus ombros e meus braços. Minha barriga então, nem pensar. Era impensável tatuar uma parte do corpo que ficaria em evidência, aí ia deixando essa ideia de lado. Eu queria mesmo era ficar invisível o quanto eu pudesse.

Eu só usava as mesmas roupas até elas rasgarem. Até hoje eu faço um pouco disso, porque ir até uma loja e encontrar roupas do meu tamanho é bem difícil. Encontro mais na internet e, como no virtual ninguém me vê, acho mais confortável. Estranho eu considerar desconfortável provar uma roupa numa loja. Mas essa é verdade. A clássica frase “não temos roupa para o seu tamanho” eu ouvi muito desde os 17 ou 18 anos, até quando parei de tentar encontrar coisas mais modernas para a minha idade.

Roupa para pessoas gordas é muito mais cara e as opções são mais reduzidas. Quando eu acho algo bacana, já espero um preço alto. São poucas as marcas que entendem que existe muita diversidade de tamanhos. Sem contar que, às vezes, o tamanho grande de algumas marcas é um tamanho pequeno e o *plus size* tamanho 44 não me representa. As mulheres estão confusas. A maioria que se acha gorda vestindo uma numeração dessas? Fala sério!

Gorda é quando você rasga sua calça na parte interna das coxas. Gorda é quando você se sente mal ao chegar na faculdade e ser obrigada a se sentar numa cadeira minúscula que não cabe a sua bunda direito. Gorda é ser xingada na rua, na escola, na vida de “baleia, bola, botijão de gás, balofa, gorducha, jaca”.

É muito difícil gostar do seu próprio nome quando ele é motivo para humilhação. Eu fui fazer terapia com 18 anos, depois que

minha mãe descobriu os cortes. Para os meus pais, eu queria me matar; para mim, eu queria viver e o corte me ajudava a suportar a dor de ser gorda. É o alívio e o prazer de sair um pouco de lágrima da pele.

Aí eu fui entendendo melhor as coisas, que a questão de ser gorda e o sofrimento por trás disso não era só meu. Mas me odiava, me culpava por gostar de comer e eu sempre senti bem de perto a solidão.

A solidão de não ser a inteligente da sala, ou a comunicativa e, sim, a gorda, por mais inteligente ou comunicativa que eu fosse. Eu já era gorda, então precisava ser muito legal, muito sociável. E isso trouxe muitas amizades por interesse, pessoas que, longe de mim, me apelidavam e falavam de mim, se referindo a minha pessoa com palavras e expressões bem pesadas.

Transbordamento Mulher 8

Uma vez inventaram que eu tinha transado com um menino da minha sala, que também era alvo de chacota. Mudei de escola, pois não suportei mais aquelas pessoas. As vezes penso: “será que aquelas pessoas hoje têm filhos? Como os filhos são tratados na escola? Se lembram de tudo o que fizeram comigo?”.

Às vezes eu nem sei como eu sobrevivo a esse mundo tão cruel. E até hoje não sei por que incomodo tanto. Por isso me uni a outras mulheres que sofrem com outras questões, mas temos em comum termos nascido com um órgão genital parecido.

O feminismo trouxe a oportunidade de entender que eu não estou sozinha e a luta compartilhada é mais emocionante. Nós choramos e rimos juntas desse amontoado de coisas que controlam o nosso corpo, a nossa vida. Eu nem consigo mais separar corpo e vida, acho tudo a mesma coisa e acredito que aos poucos eu vou fazendo meu percurso sem deixar que o ódio do mundo me engula. Já que eu gosto de comer mesmo, que eu possa engolir coisas muito mais saborosas.

Transbordamento Mulher 9

Sou professora há anos, gorda desde que me lembro da minha existência, mãe e mulher. Estou correndo tem dois anos e as pessoas duvidam disso, porque olham para mim e pensam que não devo aguentar. Mas eu corro, assim como eu uso as roupas da moda, o que não acho nessas lojas daqui eu vou à costureira e faço. Só não deixo de me sentir bem com o que eu quero usar.

Quando eu engravidei, as pessoas pensavam que eu ia ficar acamada durante todo o tempo. Acho que o que mais faço é enganar as pessoas. Deixo elas frustradas, porque eu sou uma gorda que anda na rua, que corre, faz academia, faz pilates, que ama e é feliz. A sociedade coloca padrões dentro do meu útero, mas eu não tô nem aí. Aprendi, com o tempo, que a gente nunca está de acordo com o que esperam de nós. Então, eu danço o que eu quiser e tiro as fotos que eu quiser. Foda-se.

E toda vez que uma mulher reclama da vida eu pergunto para ele se ela se gosta, se ama, se permite. Por que o natural é a gente viver reprimida, agradando o marido e morrendo de trabalhar. Eu preciso do meu tempo para eu fazer o que quiser e não há prazer maior do que isso.

3.2 DIÁRIO FOTOGRÁFICO

Também tecemos nossa pesquisa no encontro com as fotografias da pesquisadora-artista-fotógrafa do contemporâneo, Fernanda Magalhães⁶⁸, que desde 1993 tem desenvolvido trabalhos acerca do corpo gordo e das questões que o atravessam. Nosso percurso se inicia em 2014, assistindo a uma entrevista⁶⁹ dela na TV e-Paraná⁷⁰, na qual Fernanda falava abertamente as palavras “gordura” e “gorda”. Lembro-me da novidade que foi ver uma mulher gorda dizendo que fazia autorretratos nus sem pudor: “Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação⁷¹”.

Nessa entrevista, ela contava de relance os trabalhos que já realizava e comentou o enfoque dado às políticas do corpo, apontando as relações de poder que incidem sobre os corpos gordos das mulheres. Naquele dia, fui tomada pela surpresa que há muito tempo nem sabia que buscava: a reconciliação com meu corpo gordo cheio de culpa, mágoa e todos os rasgos de um corpo que não era isolado nem acabado, mas um corpo social e em constante transposição que habitava o contemporâneo e continha marcas de muitos desesperos.

O colunista Jardel Dias Cavalcanti, na reportagem “O corpo-reconstrução de Fernanda Magalhães”, de 18/06/2016, da página virtual “Digestivo

⁶⁸ (Londrina, 1962 –).

⁶⁹ A entrevista pode ser acessada nesse link: <https://www.youtube.com/watch?v=Kzz3oSBh-eE>.

⁷⁰ Retransmissora de conteúdo da TV Cultura no estado do Paraná– BR.

⁷¹ DELEUZE e PARNET, 1998, p. 15.

Cultural”⁷², faz um texto-resenha do livro de Fernanda Magalhães “Corpo-reconstrução ação ritual performance”⁷³. Ele comenta que Paulo Reis, professor de História da Arte da Universidade Federal do Paraná, curador e ensaísta, escreve a apresentação deste livro contando o percurso do corpo nas artes brasileiras.

Dentre as explicações que Paulo Reis expõe, cita que Fernanda Magalhães é uma das artistas que surgem na década de noventa – em que a problemática da visceralidade torna-se central com a crise do corpo que vai da AIDS ao multiculturalismo⁷⁴– sob as influências das ideias de “microfísica do poder”, de Michel Foucault⁷⁵ e de “corpos-desejantes”, de Gilles Deleuze⁷⁶ e Félix Guattari⁷⁷. Nas palavras de Cavalcanti⁷⁸, “o corpo-imagem solapa as individualidades transformando-se em mero espetáculo (promovido por academias, dietas naturais, terapias, cirurgias plásticas)”⁷⁹.

Uma gorda de vestido vermelho sentada com a barriga sobressaltada e as pernas grossas cruzadas com simplicidade, dizendo com naturalidade e doçura que se auto fotografa nua para reafirmar a existência de corpos gordos que não fazem parte da lógica de corpos considerados ideais.

⁷²Disponível

em:

<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3763&titulo=0_corpo-reconstrucao_de_Fernanda_Magalhaes>. Acesso em: 09 de out. de 2016.

⁷³2010.

⁷⁴De acordo a reportagem os artistas que se destacam nessa década pela via apresentada são: Homi Bahabha e Edward Said.

⁷⁵(1926–1984).

⁷⁶(1925–1995).

⁷⁷(1930–1992).

⁷⁸(2013).

⁷⁹Segundo a reportagem citada outros artistas também trabalham nessa perspectiva: Rosângela Rennó, Bill Viola, Félix-Gonzales-Torres, Yael Bartana, Cindy Sherman, entre outros.

Eu, gorda, com questões sobre o corpo que também me atravessavam, achei muito potente existir uma mulher gorda que se despe, criando com a arte uma luta. Mulher, professora universitária, pesquisadora e artista que abandona as diversas formalidades, compondo obra destruidora com delicadeza.

Quando Fernanda diz um “foda-se” para o que tende a sufocar esses corpos, e nos permite encarar o corpo nu de uma gorda, comemorando os comentários assustados do público que assiste suas exposições, sentimos o quanto a força dessa artista precisa ressoar em outros corpos femininos. CORPOS QUE PODEM! Podem ser despidos, tocados, curtidos e apreciados. Fernanda Magalhães quer nos dizer que corpos gordos estão aí e não há vergonha nisso.

Um trecho nos lembra esse encontro com Fernanda Magalhães:

Já que não me entendes, não me julgues
 Não me tentes
 O que sabes fazer agora
 Veio tudo de nossas horas
 [...]
 Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher
 Sou minha mãe e minha filha,
 Minha irmã, minha menina
 Mas sou minha, só minha e não de quem quiser
 Sou Deus, tua deusa, meu amor
 [...]
 O que fazes por sonhar
 É o mundo que virá pra ti e para mim
 Vamos descobrir o mundo juntos baby.

Renato Russo (1994)

Vimos nas fotografias da artista, divulgadas na internet, um vasto material a ser conhecido. Achamos a pedra preciosa; encontramos a coexistência de forças que pretendem provocar o que está mantido como verdade no contemporâneo. Mulher gorda e nua escandalizando, com a sua presença e seus

arranjos, o que parece tão natural aos olhos sociais, que seria a mulher que pode tirar a roupa.

Então, de 2014 a 2015, durante 1 ano desenvolvemos uma pesquisa de Iniciação Científica⁸⁰, na qual fomos bolsistas da FAPES (Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo), nomeada “A produção do ideal de beleza corporal no contemporâneo: a obra de Fernanda Magalhães e a experimentação do corpo obeso como beleza”, junto a Gabriel de Castro Augusto Alvarenga, meu professor durante a graduação em Psicologia no Centro Universitário São Camilo - Espírito Santo, em Cachoeiro do Itapemirim.

Reconhecemos que existia muita vida na arte de fazer do corpo gordo outro lugar que não fosse o da exclusão, afirmando que o corpo gordo nu existe, que o corpo nu da mulher gorda precisa ser desvelado.

O acesso às várias fotografias de diferentes momentos da artista aconteceu quando decidimos buscar com mais detalhes os trabalhos que ela menciona na entrevista e outros que descobrimos com nossas pesquisas. Escolhemos as 25 (vinte e cinco) fotografias e as arquivamos no que nomeamos Diário de Bordo. Um caderno de registro da visita à arte que nos remetia a infinitas impressões e sensações cuja escrita seguia a intuição: “Decidi então tomar como guia de minha análise a atração que eu sentia por certas fotos. Pois pelo menos dessa atração eu estava certo⁸¹.” Dessa forma, essas fotografias escolhidas desestabilizaram alguma certeza, remeteram-nos a algum afeto, nos mobilizaram o desejo de escrever: “[...] o que o corpo (nos) faz (os outros) fazer. E como todos os nossos exemplos sugerem, este corpo que

⁸⁰Esta investigação inspirou meu pré-projeto de mestrado no Programa de Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo e desemboca nesta dissertação.

⁸¹BARTHES, 2012, p.35.

‘faz-fazer’ é primeiramente articulado pelos afetos”⁸². Fotografias que nos enfeitiçaram pelas provocações e pelas ironias, principalmente. Jogos de cores, escuro e claro, focos no corpo como é visto. Tudo isso encanta muito e convida para outro lugar de pensamento. Fotos-deslocamentos.

A primeira coisa que queremos dizer é sobre o aspecto singular da fotografia: “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”⁸³. Essa capacidade de ser única torna o fotografar um complexo sistema que cria instantes, recorta acontecimentos, faz paradas. Transforma o tempo e uma realidade num objeto capaz de ser apreciado. Algumas fotografias são fáceis de olharmos, já outras, somos incapazes de perceber algum sentido nelas.

Nós, assim como Barthes, escolhemos fotografias de Fernanda Magalhães que existem para nós/ em nós: “Resolvi tomar como ponto de partida de minha busca apenas algumas fotos, aquelas que existiam para mim”⁸⁴.

Fotos que nos perturbam de tal modo que nos causam o efeito *punctum*⁸⁵, fotos capazes de flechar, golpear quem as vê retirando o *spectator* do lugar: “às vezes (mas, infelizmente, com raridade) um ‘detalhe’ me atrai. Esse detalhe é o *punctum* (o que me punciona).” Este efeito é capaz de hipnotizar, capaz de provocar uma interrupção que não é passível de explicação. Não podemos nomear a razão pela escolha das fotos de Fernanda pois “o que posso nomear não pode, na realidade, me ferir”⁸⁶. Apenas

⁸² DESPRET, 2004.

⁸³ ROLAND, 2015, p. 19.

⁸⁴ Ibid., p. 19.

⁸⁵ Ibid., p. 19.

⁸⁶ Ibid., p. 79.

sabemos dizer que as fotos escolhidas foram capazes de nos acolher para nos entregarmos a elas.

Com as fotografias escolhidas, desde 2014 começamos a realizar um diário composto por diferentes trabalhos da artista. Encontrar a companhia dessas fotos era encontrar sentido para várias conexões que atravessamos perante as questões com o corpo e com o feminino. Era como fazer uma viagem por meio das obras de arte.

Esse fazer funciona como uma escrita que aciona palavras a partir do que nos punge, sem ter a pretensão de dizer sobre a fotografia. Interessa-nos registrar o que alcançamos no encontro com ela. Não acreditamos que com isso fôssemos desenvolver um trabalho conformado, muito pelo contrário. Fernanda ativa afetos que escavam novas paisagens, novos desafios de enfrentamento do corpo extraídos da fotografia e da arte, lugares de resistência, práticas de subversão. Conexões menos duras de afirmação de que o corpo gordo existe, luta e anseia pela vida e pelo exercício de suas potencialidades. Vida de experimentações, de desobediências, de imanes forças de desejo: “[...] Ela se torna, com os cínicos, uma vida escandalosa, inquietante, uma vida ‘outra’, imediatamente rejeitada, marginalizada [...]. A verdadeira vida se manifesta, assim, como uma vida outra que faz irromper a exigência de um mundo diferente⁸⁷”. Da mesma forma, pretendemos uma escrita diferente pois é voltada para o que afeta e não pela necessidade racional de explicar o que se vê.

A escolha das fotografias para compor nosso diário foi muitas vezes revista. Não sabemos nomear tais mudanças de escolhas pois aprendemos com Roland Barthes⁸⁸ que não conseguimos descrever os sentidos que nos fazem

⁸⁷FOUCAULT, 2011, p. 313-314.

⁸⁸(1915-1980).

enamorar uma foto em detrimento de outra. O encantamento por uma fotografia se dá pelo encontro com ela e o efeito que ela causa (*punctum*), algo muito mais complexo do que simplesmente escolhê-la ou não pela beleza ou curiosidade, por exemplo.

Nosso Diário Fotográfico é construído a partir dos efeitos que dispusemos a narrar, devanear, escutar, ouvir, vagar, destruir, amarrar quando nos percebemos flechados pela composição da fotografia num nível subjetivo, portanto, singular. A cada momento, a cada encontro com as fotos, novas experiências emergem e por isso a necessidade de escolher outras em detrimento daquelas que não nos flecharam com tanta intensidade.

A passagem do tempo, as expectativas em relação ao trabalho e tantos outros fatores inomináveis colaboraram para que, até hoje, sentíssemos a necessidade de modificarmos a ordem com que as fotos se apresentavam, a quantidade, a intenção. Dessa forma, não pretendemos esmiuçar as fotos em seu plano teórico mas provocar com elas uma discussão.

Servimo-nos da fotografia como um achado pelo caminho da vida, por que sempre fomos apaixonados pela fotografia sem saber ao menos fotografar de acordo com as técnicas existentes. Esse fazer despretensioso, que escolhemos manter, acontece por que interessa-nos valorizar o encontro com as fotografias pelo olhar de quem é amador e tece questões colocadas à penumbra, na maioria das vezes:

Vida de regra, o amador é definido como uma imaturação do artista: alguém que não pode – ou não quer – alçar-se ao domínio de uma profissão. Mas no campo da prática fotográfica, é o amador, ao contrário, que constitui a assunção do profissional: pois ele que se mantém mais próximo do noema da Fotografia⁸⁹.

⁸⁹BARTHES, 2012, p. 90

Também prezamos pela originalidade do simples, um pesquisar diferente e com a diferença pois estamos cansados de tantos trabalhos verborrágicos que se mantém repetindo discursos ociosos com palavras diferentes.

Tentar transpor afetos que nascem pelo encontro com as fotos é colocar em funcionamento os termos teóricos que aprendemos e passamos a usar na vida. É permitir que as palavras digam sobre o que nos atinge e modifica.

O processo de reestabelecer com o diário outras possibilidades e retomá-lo como escolha de pesquisa diz dos caminhos que tomamos em relação a nós, muitas vezes perdidas, outras vezes magoadas com o texto, outras vezes dispersas com as relações corporais. Quando nem mesmo o diário fazia sentido, estávamos em busca de outros sentidos para o fazer deste trabalho. Sentidos que confundem, às vezes, mesmo quando se aposta no sensível a ponto de colocar em palavras o que atravessa o corpo.

[...] aquilo que ficou, aquilo que veio do recorte transmuta-se com a costura destes fragmentos com a memória ou carga existencial que coincide com a duração imposta pela percepção: quando se corta, já floresce. [...]. Não vemos com os olhos, vemos com a memória⁹⁰.

O olhar de quem concentra na fotografia que congela um instante se dissipa em muitos movimentos⁹¹. A mágica de quem olha a foto num tempo diferente de quem a capturou nos mostra o quanto o tempo encontra um lugar para ser condensado. Podemos acessar fotos de situações muito antigas que jamais teríamos acesso de acordo com o tempo.

De acordo com Barthes⁹², a beleza da foto também passa pela diferença que existe na intenção de quem fotografava - *operator* - um determinado momento

⁹⁰FONSECA; KIRST, 2008, p.37.

⁹¹O sujeito parece tornar-se objeto: “[...]uma microexperiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro” (BARTHES, 2016, p.21-22).

⁹²2016, p. 32-33.

e os afetos sentidos por quem é atingido pela foto - *punctum* - e a escolhe como achado da pesquisa, por exemplo.

OLHARES

[...] ser capaz de olhar o que não se olha, mas que merece ser olhado⁹³.

Não somos capazes de perceber tudo o que a fotografia apresenta. Algo nos escapa. A foto não tem a pretensão de dizer tudo. Não podemos engolir a verdade já que as fotografias são fragmentos, da mesma forma que, no instante em que a olhamos, também somos fragmento.

Mudar nossos olhares implica a decisão de sair do padrão que vira foto e deixar existir fotografias-transbordamentos nesse modo de gerir a vida que acreditamos ser possível. Por isso o diário segue, escrito em outros locais, escritos em outros tons, escritos por outros meios.

A Fotografia dá um pouco de verdade, com a condição de retalhar o corpo. Mas esta verdade não é a do indivíduo, que permanece irreduzível; é a da linguagem⁹⁴.

Em conformidade com Barthes, não podemos calar o afeto que dispara as palavras que estão surgindo à medida que nos deparamos com as fotografias de Fernanda Magalhães. Quando conseguimos, de fato, sentir que o mais profundo é a pele⁹⁵, é possível sair da limitação do pensamento e alcançar estratégias para se posicionar na vida com alegria e força.

O encontro com os trabalhos de Fernanda Magalhães, desde o primeiro momento em que a vimos na televisão sendo entrevistada e, posteriormente, no

⁹³Eduardo Galeano, *Sangue Latino*. Série filmada no Uruguai em novembro de 2009. Diretor: Felipe Nepomuceno. Dir. de Fotografia: Breno Cunha, 2010, Urca Filmes.

⁹⁴BARTHES, 2012, p. 94.

⁹⁵Paul Valéry.

contato mais profundo com as fotografias da artista e os efeitos que esses momentos produzem em nós, é o que permite a permanência desses elementos na confecção de nossa dissertação:

Expor através do corpo ficou represado. Um corpo fora do padrão deve ser contido, assim, a certa altura da vida, parei de encenar e de dançar. Esta contenção extravasou-se pelo trabalho fotográfico, através do corpo, em suas performances. O autorretrato e as autobiografias vieram à tona⁹⁶.

Frases como essas e outras são justificativas para permanecermos com as escolhas que serão apresentadas a seguir, mas não conseguiremos descrever o que é da ordem do sentir. Não somos servos das palavras. Sensações que mobilizam o desejo de problematizar nosso fazer na ótica dos conceitos de corpo, fotografia, saúde e encontro. Ruminamos tais entendimentos como pretexto para uma nova criação.

Ruminar não é uma elucubração da consciência, nem uma combinação de conceitos. É uma atividade que nos permite refazer a experiência do autor, apropriar-se do seu pensamento e assimilá-lo⁹⁷.

Tais caminhos conceituais foram escolhidos por que margeiam a discussão que será apresentada e endossam a necessidade de ampliarmos os aspectos da mulher gorda vista como patologia, erro ou escória social. Por não aceitarmos tais caracterizações – já que sempre pretenderemos ultrapassar os lugares impostos para o corpo gordo das mulheres – encontramos, nas fotografias de Fernanda Magalhães e nas histórias das mulheres que compartilharam conosco, modos de vida que apontam para práticas de resistência e reinvenção da vida por meio do encontro:

⁹⁶MAGALHÃES, 2008, p. 84.

⁹⁷DIAS, 2011, p. 31.

Espinosa já havia insistido na importância do encontro dos corpos, na diferença entre encontros que potencializam a vida e aqueles que a fragilizam. De onde retornamos à questão: como redescobrir o corpo valorizando ao mesmo tempo o individual e o coletivo? Como escapar da tentação de degradar um corpo para obter o brilho e o prolongamento da vida do próprio corpo? [...] E nós insistimos: são questões que também servem quando não são respondidas⁹⁸.

Novos modos de resistência que afirmam a possibilidade de mapear vida onde houver e não falecer frente aos métodos de esconderijo, emagrecimento e reforma do corpo: “O corpo é como que separado da experiência, anestesiado aos efeitos do convívio de heterogêneos e, portanto, surdo à exigência de criação de sentido para os problemas singulares que se delineiam nesta exposição⁹⁹”. Interessa-nos insistir na existência das experiências com a singularidade, interessa-nos o que escapa, o que não obedece. A vida que não cessa apesar das tentativas de captura do corpo:

Uma prática micropolítica que só tomará seu sentido com referência a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares que proliferam a partir de uma multidão de mudanças mutantes: “[...] tornar-se mulher, tornar-se criança, tornar-se velho, tornar-se animal, planta, cosmos, tornar-se invisível [...]— do mesmo modo inventar ‘máquinas’, novas sensibilidades, novas inteligências da existência[...]”¹⁰⁰.

Reinventar o que conseguimos ser implica experimentar as resistências dos corpos, reconhecendo que nossos corpos são lugares que temos para sobreviver e descobrirmos que quanto mais a gente se joga na subversão de não aceitar o que está naturalizado como verdadeiro, mais a gente vai se aproximando desse encontro fundamental que é a arte-vida: “A arte é o que

⁹⁸SANT’ ANNA, 2000, p. 148.

⁹⁹ROLNIK, 1988, p. 4.

¹⁰⁰RIEUX, 2005, p. 2.

resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha¹⁰¹”. A arte pode levar para um pedaço de mundo mais potente, no qual a flacidez seja aceita como marcas de um corpo singular e não como protótipo do erro. No qual a beleza esteja nos olhos de quem habita a intenção de olhar. No qual a gordura incomode menos os olhares serializados pelos padrões da convenção.

Não há a necessidade de explicar a foto, deixemos que elas falem sem caberem nos discursos da racionalidade. Nossa proposta é o encontro com as fotos demorando-nos o quanto for necessário até que ela nos toque e diga o que podemos dela escutar:

Se gosto de uma foto se ela me perturba, demoro-me com ela. Que estou fazendo, durante todo o tempo que permaneço diante dela? Olho-a, escuto-a, como se quisesse saber mais sobre a coisa ou a pessoa que ela representa¹⁰².

Deixemos que as fotografias não sejam delimitadas por nós, mas as alcancemos pela via dos sentidos que não se esgota mas que sempre renova e incita a aventuras que dão existência aos nossos olhares. Trabalhamos com a sensibilidade e não com a evocação teórica de desgastar as fotos. Propomos vida e uma inesgotável necessidade de sermos surpreendidas pelas fotos.

A seguir, o diário fotográfico, resultado do encontro entre a pesquisadora e a as fotos da artista Fernanda Magalhães em diferentes momentos de seu trabalho. Abaixo de cada foto, um trecho escrito por meio da experiência que transcende a foto e não cabe em palavras. Pretendemos dizer, pelo exercício da singularidade, elementos silenciados: o corpo, a mulher, a

¹⁰¹DELEUZE, 1992, p. 215.

¹⁰²ROLAND, 2015, p. 146.

gorda. Nosso diário vislumbra outro modo de ver/escrever o corpo gordo.
Diário-contravenção da foto/escrita.

Se você não estiver dentro desses limites, ou
você é delinquente ou você é louca¹⁰³.

¹⁰³GUATTARI; ROLNIK (1996).

Fotografia 7 - Auto Retrato no rio de Janeiro.



Fonte: <http://www.pap.art.br/midia/a2806/3976> (2018).

Existia uma solidão latente assim como um desejo de omitir-se na própria sombra que a gordura produzira. Um corpo sem nome, sem rosto e sem data. Ela estava sozinha, estava branca como a parede e só restava um ponto de sombra iluminando aquele corpo amarrado em si mesmo, escondido do mundo. Penso nas inomináveis formas de se produzir corpos encarcerados em paredes brancas. Desde outrora, quando se pensou em uma organização social para que a vida humana fosse possível, já nascemos ensinadas a *deitarmos eternamente em berço esplêndido*. Sair do estado de repouso, rasgar as roupas do aprisionamento e afirmar a existência em nossos olhos é uma escolha difícil mas necessária para sermos a luz de nossas vidas. A solitária gorda no canto objeto que descansa na fotografia pode ser outra coisa do que o medo de ser quem se é.

Fotografia 8 - Série fotos em conserva, 2000 - 2004



Fonte: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_8739_disserta%27E3o-j%2FAlia-mello.pdf (2018).

A gorda subvertendo a ordem do corpo magro desenformado da forma compartilhada pelas subjetividades capturadas. O corpo inesperado, o seio controverso. É a gordura incomodando. A vida não pode ser controlada com exatidão? Meu corpo pode ser engarrafado na sua verdade de como eu devo agir no mundo? Eu preciso tomar todos os seus remédios para caber na sua estante a ponto de olhar a garrafa e já me imaginar cabendo nas medidas que disseram para eu caber. Eu estava tão diminuída a ponto de me sentir esmagada. É tão difícil encontrar beleza no meu corpo gordo. É tão difícil tirar uma foto e não me deparar com um defeito absurdo. Eu sabia que aquela consulta me machucaria mais do que se eu passasse o dia comendo gordura. A gente sai de lá pensando que pode morrer a qualquer hora. Até o cheiro do éter eu senti.

Fotografia 9 - Ação 13, Corpo Reconstrução Ação Ritual Performance, 2001.



Fonte: <http://www.pap.art.br/midia/t25/3977> (2018)

Pose de domingo de manhã. Estava inteira, nua ou vestida e colorida. Queria exibir-me de curto ou longo, com ou sem. Minhas voltas existiram naquele momento em que eu me vestia de mim mesma. Havia poucos cabelos, mas muita pele à disposição de quem me observara aos quatro cantos. Meus braços não me silenciavam, assim como meus pés. Eram grossos o suficientes para horrorizar quem se comparou a mim. Existe um corpo nu por baixo de um vestido florido que poderia ter sido costurado pela vovó ou comprado ali na loja para eu vestir. Não sei. Visto o que eu quiser. Visto as cores que eu quiser. Deixo a minha mancha, meu sagrado no pano, não me importo com o que sair. Sou ali uma forma colorida e viva. Viro arte num instante. Talvez experimentemos mais a realidade no dia em que nos sentirmos mais à vontade nus conosco mesmo rodeados de pessoas vestidas.

Fotografia 10 - Classificações Científicas da Obesidade, 2000, 2001.



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra36345/classificacoes-cientificas-da-obesidade> (2018)

A gordura classificada, mortificada nos anais científicos. O medo diante da gordura que mata. O contorno que define e adocece. O reconhecimento do gordo como um ser adoecido por si próprio. O contorno docilizado do obeso. A experimentação de se enquadrar neste parâmetro. O gordo como objeto da ciência para suplantiar novas terminologias. O temor da nova onda: paradigmas do corpo saudável. O corpo que atravesso virou moldura para caber e deixar de transbordar nos espaços que não foram feitos para ele.

Contornos que expressam a beleza dos corpos a serem preenchidos pelos sistemas que nos permitem a complexa tarefa de viver. Falta o que funciona e faz a coisa toda acontecer. Corpos que poderíamos atravessar naquele momento. Corpos que nos atravessam e fazem tudo acontecer.

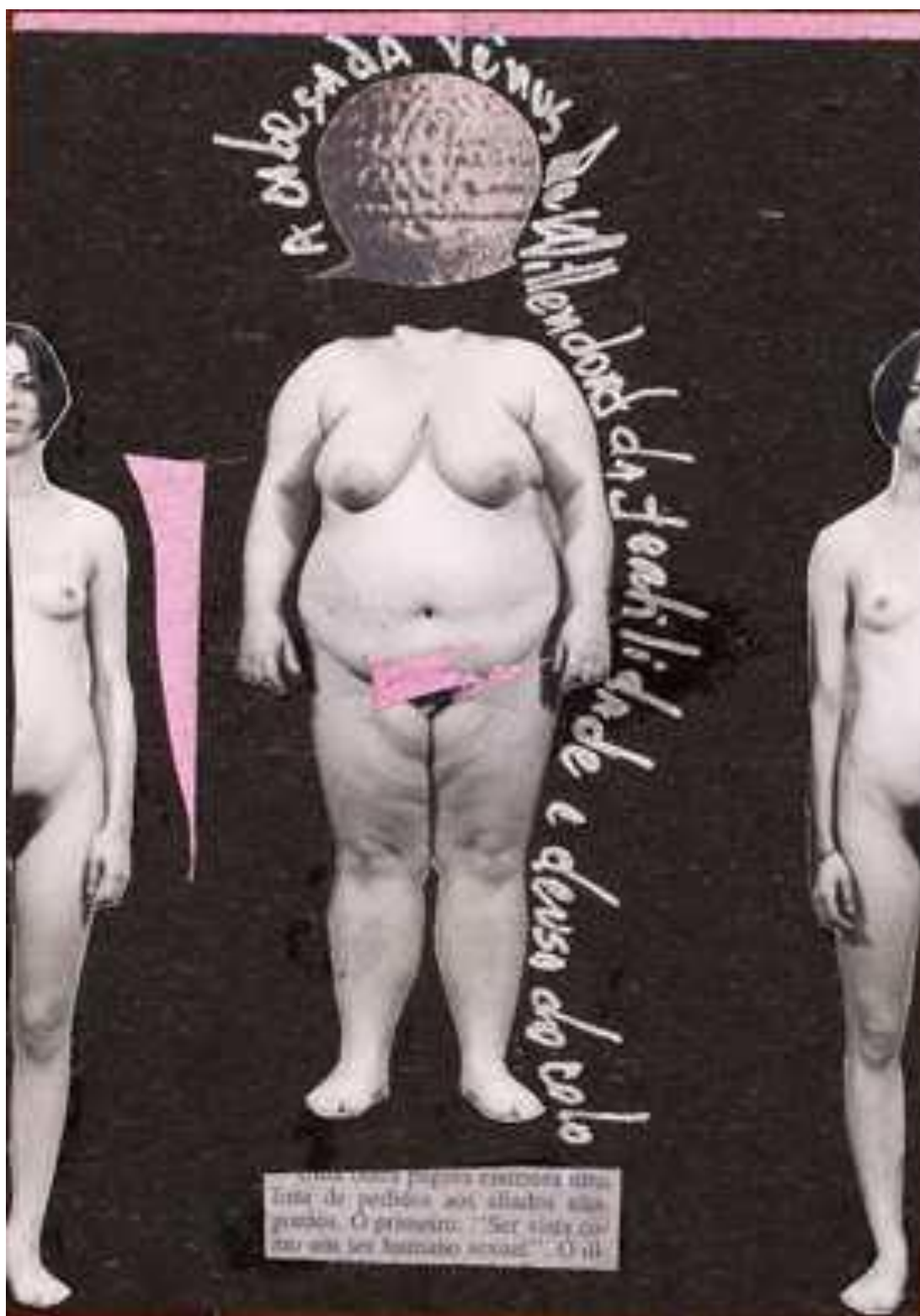
Fotografia 11 – Classificações Científicas da Obesidade, 2000.



Fonte: <https://revistaosirisartesvisuais.files.wordpress.com/2011/05/fernanda4.jpg> (2018)

Isso cansa. Querem saber do número que eu represento e do tamanho do espaço que ocupo para me classificar, colocando em evidência o que sai da regra para que eu me torne a personagem de mais um laudo. Esses corpos talhados conversam sobre a necessidade de modificarem seus corpos a ponto de esvaziarem-se de si. Estavam propensos ao ar que os envolvia margeados por uma comunicação invisível mas não menos real. Marcas gordas em evidência.

Fotografia 12 - gorda 9, da série A Representação da Mulher gorda Nua na Fotografia, 1995.



Fonte: <http://www.pap.art.br/midia/a2806/3978> (2018)

Estava inteira, feito Vênus que me inspirou. Disfarcei o que a própria gordura já disfarçava: a minha origem. E fui colocada ao lado para me submeter ao seu pior julgamento.

Corpo sem identificação, corpo âncora, corpo alvorada.

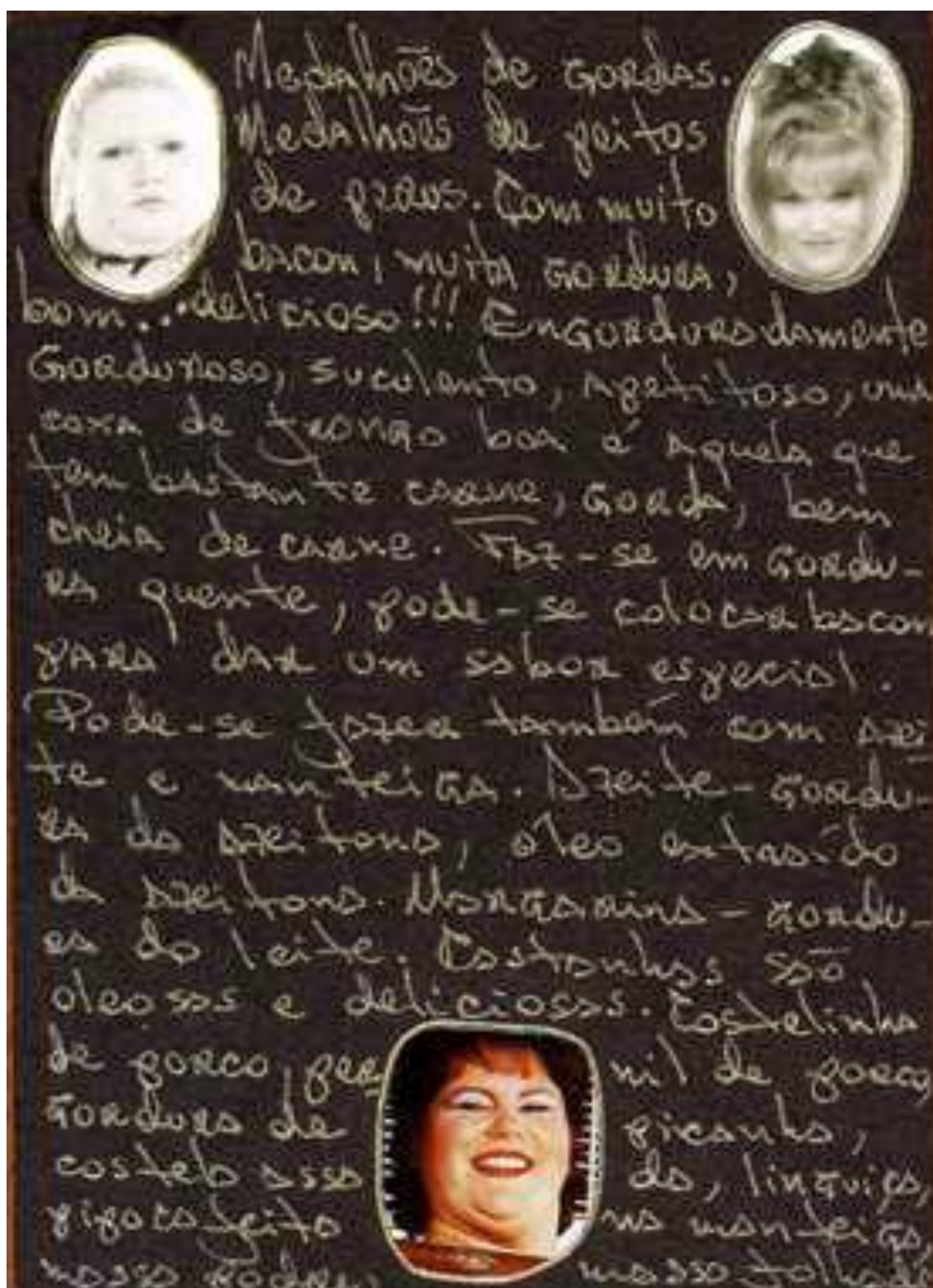
Eu estava menos nua e mais inteira.

Não era pra ser beleza sua, era pra ser beleza minha.

Diziam tudo sobre o resto do que me pertencia. Mal cabiam entre minhas mãos, eram grandes o suficiente para representarem o todo. Estavam em evidência naquele entorno rosa, o feminino sobreposto ao feminino. Eram seios de mulher farta, de mulher que mostra o que tem de muito.

Dane-se a palavra, dane-se a forma. Eu queria brincar de vênus. Eu queria reclamar por que a infertilidade não podia ser minha também. Não me sinto morta pela gordura. Minha buceta cor de rosa está aqui.

Fotografia 13 - gorda 16, da série A Representação da Mulher gorda Nua na Fotografia, 1995.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/fernandamagalhaes/3019183675/in/album-72157608814592426/> (2018)

Eu só queria ser gorda. Apenas gorda e fazer riso com isso. Eu só queria mostrar ao mundo que ser gorda era possível. Ser gorda é ser gente. Gorda pra ser comida de garfo e faca, porque eu não queria ser engolida e, sim, saboreada. Horrorizar quem se horroriza de mim.

Controlam o tempo, o tempero, a alma, o livro, a mente. Controlam tudo. Formatam. Mas existe uma vida que pulsa. “Todo coração é uma célula revolucionária”. Existem corpos em movimento, rosados, descontínuos e pulsantes que precisam de ar. São os traços e os dizeres do que se esconde e do que não se deseja saber.

Uma gorda sensual. Peitos de desejo, corpo inscrito e marcado pelo espaço que ocupa. O prazer da maciez do branco corpo que se mostra inteiramente, sem tabus. Uma gorda que deseja, que sacrifica sua vagina em prol dessa pulsante e magnética potência de ser. Algumas vezes eu não pude ser nada, hoje eu só quero mostrar a fragilidade que é exhibir meu corpo, que como todos os outros, passeia pelas praças, pega ônibus, passa por roletas apertadas, não cabe em aviões. Eu seguro meus peitos porque seguro a vida que neles contém e não vejo desgraça maior do que ser julgada de imoral por outras mulheres que, assim como eu, também são julgadas.

Cada pedaço de mim conta muitas histórias. Não vejo motivo para ficarmos escondendo dos outros que temos pele debaixo da roupa. É insípido ter uma mão para pegar na carne que me compõe, pressinto. Mas por que é possível transformar-me em pedaços de carne recortados ou desfiados como se eu fosse um salmão?

Fotografia 15 - A natureza da vida, 2011, Fotografia de Graziela Diez.



Fonte: http://www.revistazunai.com/materias_especiais/subversao_da_nudez/performance_fernanda.htm (2018).

Sou natureza também, vejo a textura dos elementos e eles compõem comigo. Posso sentir o cheiro daquele lugar e me sentir em casa. Não sou apenas bicho arisco que médico quer domesticar, não sou apenas uma peça da engrenagem social que me captura pelo trabalho. Posso ser ovelhinha mansa e branquinha a ponto de ser confundida pela paisagem. Posso acolher uma sombra como minha amiga e sentir os contrastes da minha cor naquele cenário avermelhado. Velho sangue que corre em minhas veias e de tempos em tempos é atualizado. Velha árvore que foi cortada e perdeu seu lugar na rua. Padece o corpo velho que não serve mais para as alegrias dos outros. Corrompo a verdade de como deveria estar me comportando e sento pelada entre aquele lugar cheio de cruzamentos que são também a memória de passar pela árvore e ter sombra. As vezes sou sombra, outras vezes sou redemoinho. Experimentei o que é me sentir entre galhos. A corda ainda mais gorda sentada que não vê mágoas inscritas na madeira. Ela consegue superar os cortes e recolhe afetuosamente os galhos.

É DA VIDA QUE SE TRATA, É A VIDA QUE TRANSBORDA

Às vezes começa-se a brincar de
pensar, e eis que inesperadamente
o brinquedo é que começa a brincar
conosco¹⁰⁴.

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou¹⁰⁵.

A poesia de Adélia Prado nos acompanha há muito tempo. Desde quando começamos a pesquisar com as mulheres gordas encontramos um certo sentimento de pertencimento na mulher poeta que desabrocha no autorretrato de uma errante.

Nós, mulheres carregadas de bagagens sobre como devemos nos posicionar no mundo, decidimos retorcer algumas verdades à medida que passamos a desconfiar de tantos mandatos. Assim como na poesia, pegamos os

¹⁰⁴LISPECTOR, 1984, p. 24.

¹⁰⁵PRADO, Adélia. Com licença poética. **Poesia Reunida**. Siciliano, São Paulo, 1991.

pressupostos pela mão e fomos atrás de escrever desempenhando um papel coletivo, pois não escrevemos sozinhas, tentamos dizer um não para o que ou quem tenta calar a nós e a nossos corpos.

Mergulhamos neste trabalho tomados por uma certeza peregrina de que falamos o que queríamos dizer:

“Gordas, venham! Cabe-nos aqui”.

Ensaioando-nos na condição de mulher, escolhemos, em muitos momentos da vida, - quase diariamente - que nossos corpos são belos e gordos, e não belos apesar de gordos. Até encontrarmos esse sentido para a nossa existência, temos muitas histórias para contar, já que quem nasce mulher “torna-se¹⁰⁶” à medida que, entre outras muitas coisas, aprende que seu corpo é um campo de batalha, mais suscetível a ser um objeto de conserto do que de prazer e alegria.

Diante desse impasse, como propor uma reflexão sobre os corpos das mulheres gordas localizando nelas estratégias para não endurecer, mas trazer leveza, apesar de tantos discursos sobre ser mulher e sobre como ter um corpo desejável? Esses incômodos, longe de buscarem respostas, atuam como incessantes perguntas que nos movem a falar junto dos corpos gordos que estão entre nós.

Este trabalho convida todos os seus leitores e leitoras a repensarem o que está sendo produzido com/em seus próprios corpos por meio do uso da fotografia e das histórias contadas por mulheres gordas. Colocamos em análise o que é possível experimentar como práticas de cuidado, e portanto, de resistência, na amargura febril que é viver no contemporâneo. Toda a

¹⁰⁶Referente à frase de Simone de Beauvoir local, data.

produção sobre o corpo que abrange esse trabalho fortalece nossa luta em prol de experiências com corpos menos talhados pelos ductos sociais que pretendem fazer de nós espectadores e subservientes dos ideais de corpo e de saúde.

Teremos que reconhecer que o inimigo não está só nos imperialismos dominantes. Ele está também em nossos próprios aliados, em nós mesmos, nessa insistente reencarnação dos modelos dominantes, que encontramos não só nos partidos mais queridos ou nos líderes que nos defendem da melhor maneira possível, mas também em nossas próprias atitudes, nas mais diversas ocasiões^{107, 108}.

Ancoramo-nos nas fotografias da artista Fernanda Magalhães em diferentes momentos de sua trajetória artística, cuja beleza e complexidade de apresentar a mulher gorda nua e a problematização dos corpos que evoca tocaram-nos a tal ponto que desejamos experimentar uma escrita íntima com as fotografias da artista e ensaiamos a produção de um “Diário Fotográfico” que se refere a uma atitude de andança pelas fotos e exploração da subjetividade ao encontro das fotografias, criando outros processos de subjetivação. Tentativas de frear nossas tendências de sermos carrascos do corpo e propor o que não fosse compatível com a depressiação da mulher gorda.

O encontrar com as fotos não pretendeu colocar em palavras o que é a fotografia, mas contar sobre o experimento de sentir cada uma delas tocar-nos com a perturbação de seus traços que seduzem e trazem o inominável espanto: “[...] essa aderência singular faz com que haja uma enorme

¹⁰⁷GUATARRI; ROLNIK, 1996, p. 48.

¹⁰⁸Preferimos colocar os autores nos rodapés, uma vez que nos inspiramos em outros trabalhos que utilizaram esta estratégia e a consideramos mais apresentável. Além disso, é uma maneira de sair da configuração convencional, sem deixar de referenciar os autores das citações.

dificuldade para acomodar a vista à fotografia¹⁰⁹.” Da mesma forma, acomodar palavras no encontro com a imagem é um exercício árduo, já que não queremos acrescentar nada, mas tentar nomear os afetos que se sucedem ao encontro com o que nos fere.

Assim, nossa escrita aconteceu pelos fios das experiências das fotografias de Fernanda Magalhães e os fios das experiências com os transbordamentos de outras mulheres gordas em palavras, ampliando as possibilidades dessa escrita. Falamos com as vidas atravessando os caminhos que percorrem nossos corpos, nossos afetos, nossas memórias. Experimentamos a intuição como sabemos fazê-la acontecer, brincamos com as palavras, corremos atrás da alegria, abraçamo-nos, não nos sentimos mais tão sozinhas.

Seja na cozinha, sentadas na varanda ou numa ligação para outro estado, estivemos juntas para falar do que passa batido... Estamos tão acostumadas a descrever o que queremos modificar em nossos corpos mas pouco sabemos que tipo de relação temos com ele e como estamos reproduzindo saberes da ordem do coletivo que, ao invés de gerar potência, nos enfraquece, nos entorpece. Resmungamos a insatisfação corporal porque existimos num mundo onde ressoa que devemos ser formidáveis de acordo com padrões de beleza e de saúde. Enganam-nos com a promessa da felicidade advinda do corpo perfeito. O ideal *Barbie* vai nos embebedando a ponto de odiarmos o que é natural do corpo como as celulites, as estrias, as cores, o que achamos que sobra ou está faltando. Para sair desses estados de incompletude, arriscamos compor um Diário Fotográfico que escancara o nu de uma gorda livre e seu corpo-escândalo.

Transbordamos palavras porque elas não nos faltaram, era muita coisa engolida para dizer desde sussurros até gritos, anos de guerras contra os

¹⁰⁹BARTHES, 2016, p. 16.

corpos, anos de anestesia com o que estamos fazendo de nós a ponto de encontrarmos mulheres que precisam desdenhar o próprio corpo para se justificarem e, talvez assim, se sentirem melhores.

Em contrapartida há mulheres gordas fazendo graça ou expondo a beleza de seus corpos gordos, experimentando outro tipo de atitude corporal e tantas outras práticas de resistência. Um dos sentidos desse fazer é apostar no exercício da liberdade¹¹⁰ procurando formas indiscretas de falar dos corpos gordos das mulheres. Atravessadas por tantos elementos queremos continuar indo mais além a fim de compormos outras fotografias para as nossas realidades, tanto quanto for possível. Fazendo arte com os desassossegos.

A vida sexual da arte

desassossegos
 nessa imensidão de corpos
 dançamos nus
 dançamos pela vida a fora
 corroemos nossos pedaços e
 fugimos em busca de um lugar
 refúgio, colo, abraço.
 Instantes de respiração para o que tem feito sangrar
 o que tem feito perturbação
 Sou gorda, sou mulher, sou cicatriz
 gorda bonita é desbunde!
 Não nasci para ser Maria
 Puta, negra, branca: com ou sem pau!
 Eu me viro
 E não brocho.
 Sou mulher nessa dureza
 invento a vida por aí.
 A arte me chama
 pra tomar umas com ela
 transa comigo

¹¹⁰Conceito referente à Foucault na obra História da Sexualidade III em que o autor descreve a liberdade como prática, uma ética, um *êthos*, um conduzir a si mesmo perante a vida.

e me liga no dia seguinte¹¹¹.

Queremos transbordar, ampliando a noção de borda, desfazendo o limite e encontrando arte no caos. Nossas mãos estão sujas de tentativas de fazer ver e fazer falar outras coisas que não sejam as que já estamos acostumadas.

A busca por elementos da ordem do dizível e do visível é uma chance que demos a nós, pessoas inconformadas com as ditaduras sobre os corpos. Propomos uma quebra visceral de mãos dadas com a arte utilizando a polifonia como aliada a fim de que fosse possível desmanchar o que temos produzido de fascista sobre os corpos das mulheres gordas.

Reconhecemos que precisamos continuar produzindo saberes, mas sem perder de vista os efeitos de nossas práticas. Por que sempre é preciso rever as escolhas, juntar os cadernos e refazer as leituras. É perigoso achar que se está fazendo diferente quando, na verdade, se está reproduzindo a mesma coisa.

Prestes a imprimir essa dissertação, leio uma reportagem no *instagram*: uma menina morre por não suportar mais a pressão dos colegas da escola que insensatamente riem de se corpo, de sua feiura. A reportagem atribui a causa da morte ao fato dela ter se jogado do alto. Mas me pergunto quem estava com as facas que deceparam a existência dessa mulher gorda.

A mídia noticia uma adolescente insatisfeita consigo, com a sua aparência. Foi a falta de apreço por si mesmo que fez essa moça escolher morrer? Ou esse tipo morte é produzido pelo bombardeamento de informação que povoam nossos modos de ser e fazer.

¹¹¹Sara Moreira (2018).

Lançar-se de um local, um pretense vôo, talvez, deixar o corpo ir... Seja um ato de enfrentamento a tudo que essa mulher experimentou. Que esta pesquisa chegue até as mãos daqueles e daquelas que precisam de outros sentidos para os meandros desse conjunto de impermanências que é a vida.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Gabriel de Castro Augusto. Vida e Arte - Criação na borda, no balanço paradoxal. 2012. 163f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 7 ed. rev. Trad. Maria Thereza R. C. Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

COELHO, Débora de Moraes; FONSECA, Tania Mara Galli. As mil saúdes: para quem e além da saúde vigente. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, n. 19, v. 2, 2007, p. 65-69.

DELEUZE, Gilles. **Spinoza et le problème de l'expression**. Paris, Minuit, 1968. (Tradução não-publicada de Luis Orlandi).

_____. **Lógica do Sentido**. São Paulo. Perspectiva, 1974.

_____. A literatura e a vida. In: _____. **Crítica e clínica**. São Paulo: 34, 1997a.

_____. **Curso de los Martes, Spinoza**. Tradução: Ernesto Hernández. Santiago de Cali: [s.n.], 1997b.

_____. **O ato de criação**. Palestra de 1987. Edição Brasileira: Folha de São Paulo, 1999, trad. José Marcos Macedo.

_____. A imanência: uma vida... **Educação & Realidade**. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v. 27, n. 2, jul./dez. 2002, p. 10-18.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DESPRET, Vinciane. O corpo com o qual nos importamos: figuras da antro-zoo-gênese. **Body and Society**, v.10, n.2-3, p. 111-134, 2004. Disponível em: <xa.yimg.com/kq/groups/19965835/1307741106/name/Despret++Hans.doc>. Acesso em: 26 de abr. de 2017.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, Uma trajetória filosófica, para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução: Vera Porto Carrero. São Paulo: Forense universitária, 1995.

DIAS, Rosa. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ELLER, Cássia. 1º de julho. In: ELLER, Cássia. **Cássia Eller**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1994. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 5.

ESPINOSA, Baruch de. Ética. In: **Os Pensadores**. Traduções de Marilena de Souza Chauí [et al.]. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MAGALHÃES, Fernanda. **A Representação da Mulher gorda Nua na Fotografia**, 1995. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/fernandamagalhaes/albums/72157608814592426>>. Acesso em: 11 de out. de 2017.

MAGALHÃES, Fernanda. **Fernanda Magalhães**. 2013. Entrevista concedida a Mira Graçano apresentadora do programa Gente. com da TV e-Paraná.

FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia. Somos imagem: o mundo é imagem. In: **Informática na educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v.11, n.2, jul./dez. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **El coraje de la verdad**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

LAVRADOR, Maria Cristina Campello. **Loucura e vida na contemporaneidade**. 2006. 56f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

GOTARDDI, Denise Pesca Pereira. 2010. 145f. **Reinventando cotidianos de pesquisa**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2010.

MACHADO, Leila Domingues. Ética: O rei está nu. In: BARROS, M. E. B. (org). **Psicologia: Questões Contemporâneas**. EDUFES, 1999. p.145-161.

_____. Subjetivações à flor da pele. **Informática na educação: teoria e prática**. Porto Alegre, v.13, n.2, jul./dez. 2010. p. 67-79. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/12364/13439>>. Acesso em: 09 out. de 2016.

MAGALHÃES, Fernanda. **A Representação da Mulher gorda Nua na Fotografia**. 1995. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fernandamagalhaes/albums/72157608814592426>. Acesso em: 28 de abr. de 2017.

MELLO, Júlia Almeida de. **O corpo gordo: diálogos poéticos em Elisa Queiroz e Fernanda Magalhães**. 2015. 168f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2015.

MORAES, Márcia. Pesquisar com: pesquisa ontológica e deficiência visual in: Márcia Moraes e Virgínia Kastrup (Org) **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**, Rio de Janeiro: Nau, 2010, p. 26-51.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

OLINA, J. O Rio Nu, Rio de Janeiro, ano 2, n. 66, 22 fev. 1989, p.2. In: SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de. **gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2016. p.31.

PERBART, Peter Pal. **A vertigem por um fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea**. Editora Iluminuras, São Paulo, 2000.

_____. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**, São Paulo: Câmara Brasileira do livro, 2003.

_____. **Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. 2008. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/iea/textos/pelbartdominacaobiopolitica.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2017.

PITTA, Ana Lúcia. Por um manifesto que se possa vestir: notas sobre roupas e existências. 2016. 90f. (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) - Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade** - sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

REIS, Anna Luíza Ragonha dos. Olhares possíveis sobre a crise: medicalização da vida e práticas de cuidado no contemporâneo. 2015. 91f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro, 2015.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RILK, Rainer Maria. **A melodia das coisas**: contos, ensaios, cartas. São Paulo: Estação da Liberdade, 2011.

RIEUX, Bernardo. Félix Guattari: os oito “princípios” da análise. Disponível em: <http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/77-felix-guattari-os-oito-principios-da-esquizoanalise?format=pdf>>. Acesso em: 05 de nov. de 2018.

ROLNIK, Suely. **Subjetividade Antropofágica**, 1988. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjantropof.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2016.

_____. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

SALES, M. **Caosmofagia**: A arte dos encontros. 1 ed. Rio de Janeiro. Garamond, 2014.

SANTOS, Lulu. Tempos Modernos. In: SANTOS, Lulu. **Tempos Modernos**. Rio de Janeiro: WEA, 1982. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1.

SANT’ ANNA, Denise Bernuzzi de. As infinitas descobertas do corpo. **Cadernos Pagu**, n. 14, p. 235 -249, 2000.

_____. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.

_____. **gordos, magros e obesos**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2016.

SIBÍLIA, Paula. **O homem pós-orgânico**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

Tire seus padrões do meu corpo. In: NEVES, Veronica. Poética e Licença de Penseé, 2012. Disponível em:

<<https://poeticadepensee.wordpress.com/2012/09/28/tirem-seus-padroes-do-meu-corpo/>>. Acesso em: 11 de out. de 2017.